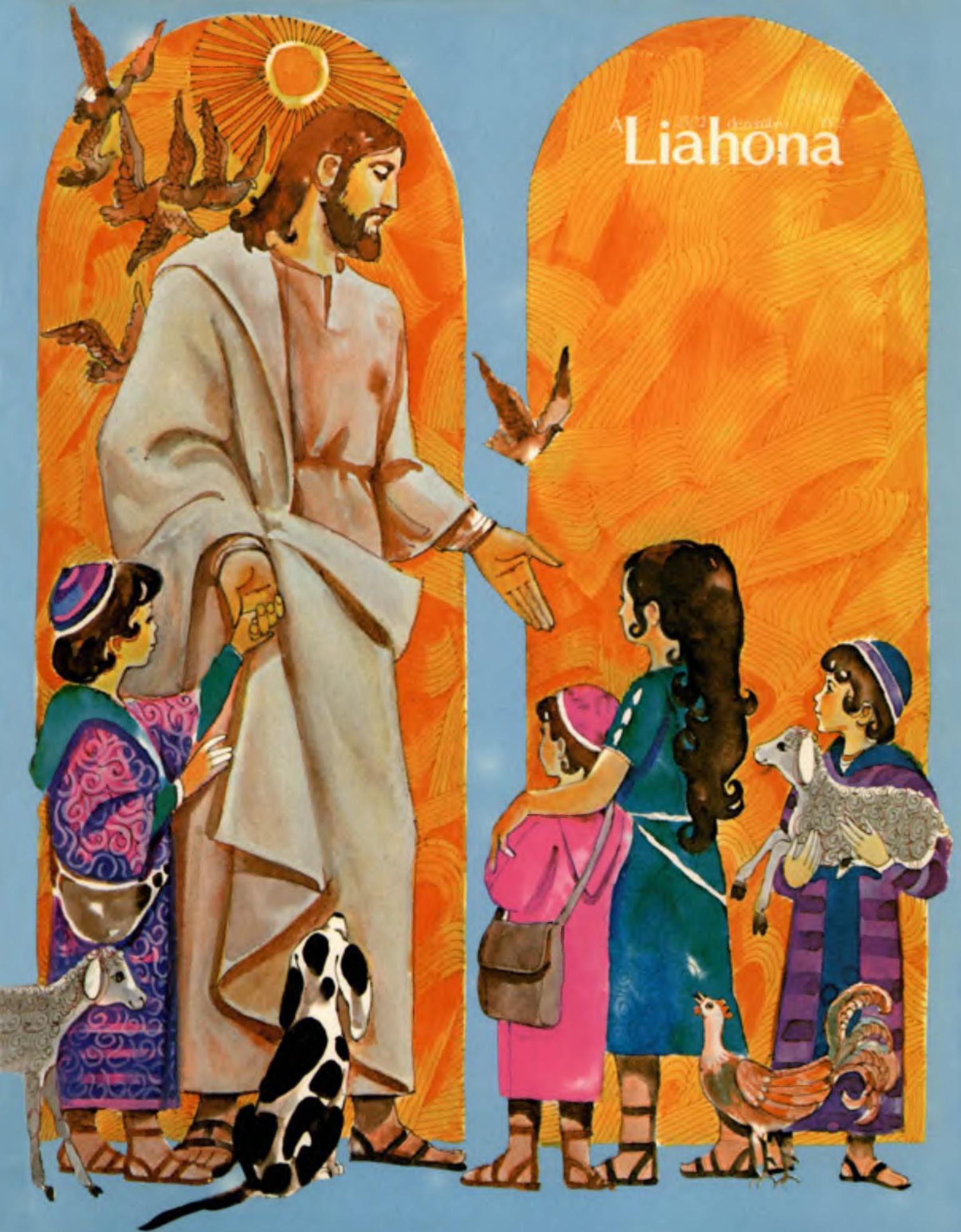


A 1972 *debut* *TV*
Liahona





MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Presidente
David O. McKay

“**G**lória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!”
Que palavras tão simples! Quão profundo e lato o seu significado! Pelo Natal, celebramos o nascimento daquele em cuja missão terrena (1) Deus é glorificado, (2) é prometido paz à terra, (3) a boa vontade de Deus é assegurada a todos os homens!

Tivesse todo homem que nasce neste mundo esses três gloriosos ideais como fanal de sua existência, quão mais doce e feliz não seria a vida. Com um alvo assim, todo mundo buscaria somente o puro, justo, digno, virtuoso e verdadeiro — tudo o que leva à perfeição, evitando as coisas impuras, indignas ou vis. Se todo homem **desejasse** mostrar boa vontade para com seus semelhantes e se empenhasse em expressar esse desejo em mil palavras amáveis e pequenos gestos indicadores de despreendimento e renúncia, que extraordinária não seria a contribuição de cada um para a paz universal na terra e a felicidade da raça humana!

O Natal é a época adequada para renovarmos o desejo e fortalecer a determinação de fazer todo o que estiver dentro de nossas forças para concretizar, entre os homens, a mensagem proclamada pelos anjos, quando nasceu o Salvador. Glorifiquemos a Deus, buscando o bom, o verdadeiro, o belo! Empenhem-nos em estabelecer a paz na terra, exercendo entre os homens a mesma boa vontade que Deus nos tem demonstrado!

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração.	
Presidente David O. McKay	2
A REVISTA DESTE MÊS.	3
Natal Quer Dizer Cristo.	4
Tive Fome...	6
Estava Nu...	8
Conselho para os Santos...	
Pres. Joseph F. Smith	11
Tempo de Decisão.	
Presidente Harold B. Lee	12
Um Desafio...	
Bispo Vaughn J. Featherstone	16
O que a Igreja fará...	
Gordon B. Hinckley	18
Um Presente de Amor.	
Mary M. Ellsworth	22
A Festa das Luzes. Mirian Biskin	23
De um Amigo para Outro.	
Primeira Presidência	24
Viveres para o Inverno. Mary P. Parrish	26
O Natal de Juca.	
Barbara e Willian Neelands	28
Um Natal Inesquecível. Sílvia P. Young	31
A DÁDIVA MAIS PRECIOSA.	
Mark E. Petersen	34
O Natal é para Compartilhar.	
Richard Warner	36
Ainda me lembro. Marjorie M. Taylor	39
MARIA. Mary Pratt Parrish	40
LORENZO SNOW... Arthur R. Bassett	43

CAPA

Nossa capa retrata alguns dos acontecimentos e aspectos da vida de nosso Salvador, cujo nascimento celebramos este mês. Foi pintado por Jerry Harston e utilizada inicialmente como capa da revista para as crianças, edição inglesa.

A ^{25/12} dezembro 1972 Liahona

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Harold B. Lee
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR

Osiris Grobel Cabral

REDATOR

Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

ESTACA DE CURITIBA

R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL

R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL

R. Princesa Isabel, 342
CP 1513, Porto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE

Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A revista é registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado sob outros títulos também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, sueco, suíço, taitiano, e tonganês. Composta pela Linotipadora Gedco Ltda. R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação segura por esta revista reservarmos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para aprimoramento da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A REVISTA DESTE MÊS

A maneira de celebrar o Natal varia de cultura para cultura. Ele é festejado no cálido verão do Hemisfério Sul e no inverno inclemente do Hemisfério Setentrional, porém, isto tudo são diferenças insignificantes, quando se compreende o seu verdadeiro sentido. O espírito de Natal estará sempre presente onde estiverem os que amam ao Senhor e apreciam a sublime dádiva do nascimento do Salvador neste mundo.

Numa grande parte das culturas em que se celebra o Natal, os presentes têm papel importante. Eles podem ser extremamente modestos ou muito dispendiosos. Mas não nos devemos esquecer de que, por mais humilde que possa ser o presente, se for dado e recebido com amor, é inestimável. E o mais dispendioso, se oferecido rotineiramente ou recebido sem gratidão, não tem valor algum.

Existem certos presentes que todo mundo pode oferecer, sejam quais forem suas condições, e que duram o ano inteiro — presentes de amor e altruísmo.

Poderia o pai dar à família um presente maior do que renovar sua dedicação ao Sacerdócio e ao serviço do Senhor, a fim de que as bênçãos do Sacerdócio estejam no lar? Poderá haver presente maior que liderança?

Poderia a mãe oferecer presente maior do que apoiar seu marido como cabeça da família e ensinar o Evangelho aos filhos?

E onde os filhos proporcionariam maior dádiva, do que amando, honrando e ajudando a seus pais e mutuamente a fim de que possa haver paz no lar?

Poderia uma família ou indivíduo oferecer presente maior do que dar bom exemplo e compartilhar o Evangelho com seus semelhantes? Tudo isso são presentes de valor inestimável que todos podem oferecer.

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.



Do incremento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (Isaías 9:6-7)



E eis que nascerá de Maria, em Jerusalém, que é a terra de nossos antepassados. Ela será virgem, um vaso precioso e escolhido, e o Espírito Santo a cobrirá com sua sombra e ela conceberá pelo poder dele, gerando um filho, sim, o próprio Filho de Deus.



E sofrerá penas, angústias e tentações de toda espécie, isto para que se cumpra a palavra que diz que ele tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo.

— Alma 7:10-11

Natal Quer

Sem Cristo, não haverá Natal.

Quando os anjos cantaram na primeira noite de Natal, só a ele louvaram e a ninguém mais. O nascimento do pequeno Infante de Belém foi tão importante que todas as hostes dos céus jubilaram. Elas cantaram, porque compreendiam a incumbência do Senhor, o que sua redenção significava, o que é vida eterna, e o profundo sentido de sacrifício e da Ressurreição.

Enquanto não tivermos concepção idêntica à dos anjos, — que Cristo é o Filho de Deus, que todos somos filhos de Deus, e que Jesus veio ao mundo para os conduzir de volta à presença do Pai, **NÓS NÃO** estaremos celebrando o Natal verdadeiramente.

Assim como Deus anualmente projeta o seu espírito no mundo na época do Natal, de nossa parte deveríamos incrementar nosso apreço pelo significado dessa celebração.

Esse dia santo é sagrado, mas também para que o celebremos, sem dúvida. O dicionário define "celebrar" como "louvar, glorificar, comemorar". E podemos fazer tudo isso em nossa celebração do Natal.

CERTAMENTE TEMOS que louvar a obra de Cristo, e o sublime fato de que Deus amou o

Dizer Cristo

mundo de tal maneira, que enviou seu Filho unigênito para salvá-lo; e certamente podemos glorificar o nome de Cristo e o do Pai, de igual forma.

E deveríamos comemorar por todos os meios o nascimento do Infante de Belém naquela primeira noite de Natal. É por amor a Jesus que fazemos tudo isso. Nós o louvamos e glorificamos, comemorando seu nascimento e suas obras.

MAS, COMO fazer estas coisas, a não ser que realmente tenhamos o Espírito de Cristo dentro de nós? E como ter o seu Espírito, sem guardar seus mandamentos?

Se observarmos os seus mandamentos, é possível omitirmo-nos de amar nossos semelhantes como a nós mesmos, fazer nos outros como queremos que nos façam, eliminar ódios e conflitos, perdoar aos que nos ofenderam, visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e nos guardar da corrupção do mundo?

Toda família — e todo indivíduo — deveria lembrar-se neste Natal, de que em suas celebrações, não deve faltar uma humilde prece de graças e devotamento e de consagração a tudo aquilo que Jesus representa.

Levanta a cabeça e tem bom ânimo; pois eis que o tempo é chegado e esta noite o sinal será dado, e amanhã eu virei ao mundo para mostrar-lhe que se cumprem todas as coisas que foram anunciadas pela boca de meus santos profetas. — 3 Néfi 1:13



E aconteceu que . . . se cumpriram os dias em que ela havia de dar a luz.

E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.



. . . eis que vos trago novas de grande alegria, que serão para todo o povo.

Pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.



Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.

— Lucas 2:6,7,10,11,14



Tive Fome...

ERA NATAL, e Alberto estava desesperado. Jamais, em toda sua vida, havia pedido esmolas, sentindo-se envergonhado e profundamente infeliz só em pensar nisso; mas, afinal, revestiu-se de coragem e dirigiu-se ao cavalheiro, quando este enfiou a chave na porta do clube exclusivo. Ele e a encantadora companheira riam alegremente e não ouviram seu pedido. Alberto foi obrigado a repeti-lo.

— Desculpe-me, senhor. Estou com fome. Poderia dar-me um auxílio?

— Nada feito, — respondeu o senhor, rispidamente. — Hoje em dia há um vagabundo em cada esquina. Por que não arranja trabalho e cuida de si mesmo? — E voltou-se novamente para a porta.

Alberto estremeceu como se fora esbofeteado, e recuou para as sombras, incapaz de explicar que há semanas já vinha vagando pelas ruas à procura de trabalho. Como as faces ruborizadas de vergonha, amparou-se vacilante à parede.

— Está embriagado! — comentou o cavalheiro, com repugnância. — Devia haver uma lei contra isso!

A senhora, porém, havia observado melhor.

— Oh, Ricardo, — disse reprovadamente, — é Natal, e ele tem fome!

Abrindo sua bolsinha marchetada de pedrarias, correu para junto de Alberto e enfiou-lhe uns cruzeiros nas mãos.

— Tome, compre algo para comer. E lembre-se, é o pão de Natal que estará comendo.

— Obrigado, senhora, não me esquecerei.

Apertando o dinheiro ansiosamente, Alberto saiu depressa em direção ao bar modesto que vira a poucas quadras dali. Seus pensamentos voltaram-se para o que dissera a senhora e a seu doce sorriso. "Parecia um anjo," comentou de si para si.

Depois, planejou o que compraria com o dinheiro. Se tivesse cuidado, dava para comer bem e ainda guardar metade da soma para o dia seguinte. O pão de Natal havia de saciá-lo, enquanto procuraria emprego num outro lugar que lhe ocorresse naquele momento. Apressou o passo ao acudir-lhe a idéia, mas logo estacou, reparando no velho encolhido e trêmulo na passagem escura.

— Venha comigo, companheiro, — disse-lhe. — O pão de Natal alimentará dois, hoje à noite.

Os dois regalararam-se com as coisas gostosas que lhes serviram no bar. Alberto aí reparou que seu convidado embrulhava seu pão e pedaço de torta no guardanapo.

— Guardando para amanhã, hein? — observou sorrindo.

— Não, — respondeu o velho. — Carlos, o pequeno jornalista, não tem ninguém que cuide dele. Vou levar-lhe isto.

— Espere, pode levar minha torta também, — retrucou Alberto, — e este pedaço de pão! Já estou satisfeito.

"O pão de Natal!", refletiu.

Carlos logo deu cabo de tudo, menos uma crosta de pão que guardou para o cachorrinho encolhido a um canto. Alberto, pegando o trêmulo animalzinho, acariciou-lhe o pelo molhado. Nisso, sentiu uma plaqueta presa na coleira e a examinou com curiosidade. Trazia um endereço.

— Vai ver que você pertence a um garotinho que está sentindo a sua falta, — comentou. — Vamos lá, vou levá-lo para casa.

Foi uma longa caminhada até o lado oposto da cidade, mas Alberto carregou o cãozinho o tempo todo, e ainda o tinha nos braços, quando tocou a sineta no endereço indicado, uma casa grande e vistosa. A empregada fitou-o com espanto, depois chamou um cavalheiro que, pegando o cão, examinou Alberto suspeitosamente.

— Então você o trouxe de volta, hein? Suponho que esteja esperando receber a recompensa. Ou, quem sabe, você já contava com isso, antes de ele se "perder".

— Eu nada sabia da recompensa, — protestou Alberto. — Nem espero ser gratificado. Um jornalista o achou na rua e eu vim trazê-lo, porque estava perdido.

As palavras jorraram impetuosamente, mostrando a sinceridade de quem falava. O homem, tocado pela seriedade do visitante mal-vestido, passou a se desculpar.

— Perdoe-me, — falou. — Vejo que o senhor não é desse tipo. Quero que aceite a recompensa. Eu a anunciei, e o senhor fez jus a ela, portanto peço que aceite.

Logo após, enfiou uma cédula na mão relutante de Alberto, perguntando em seguida:



— A propósito, acaso está procurando trabalho? Estamos precisando de um guarda na minha fábrica, e bem que poderíamos aproveitar um homem honesto como o senhor.

Apertando firmemente a mão de Alberto em despedida, deu-lhe seu cartão e um caloroso sorriso.

Estava Nú...

O MOÇO dirigia-se, com passos resolutos, para a loja de artigos masculinos, a mão no bolso segurando firmemente o rolo de cinco cédulas de vinte dólares. Não podia dar-se ao luxo de perdê-las — representavam o terno novo e a capa que usaria na missão. Como a maior parte do resto do dinheiro destinado à missão, aqueles cem dólares haviam sido acumulados vagarosamente por seu próprio esforço. Se planejasse com cuidado e se ativesse fielmente ao orçamento estabelecido, teria o suficiente para manter-se durante os dois anos de serviço especial dedicado ao Senhor.

Sobressaltou-se quando o homem avançou para ele, e ter-se-ia desviado, não fora o sorriso e a mão estendida. Era Anthon Van Orden, de quem seu pai, em vida, fora muito amigo.

O Irmão Van Orden mostrara-se bondoso para com a família Hale durante todos aqueles anos. Um peru para o Dia de Ação de Graças, uma cesta de Natal, um envelope ocasional com alguns dólares para a mãe.





Agora inquiria a respeito de sua saúde e atividades presentes. Marsden viu-se respondendo com certa relutância, quase que evasivamente. Não queria que o Irmão Van Orden pensasse que devia oferecer ajuda financeira. Mas, sob o interrogatório daquele homem de meia-idade, acabou revelando os fatos.

Sim, estava chegando a hora de sair em missão. Sim, já fora chamado. Sim, partiria em pouco tempo. Sim, na verdade, já estava na casa da missão, preparando-se para partir. Sim, estava justamente para comprar algumas coisas necessárias à missão. Sim, tratava-se de um terno e capa. Sim, achava que teria alguns minutos para acompanhar o Irmão Van Orden até aquela loja mais dispendiosa do outro lado da rua.

O amigo da família parecia muito satisfeito com aquele encontro casual, ao contrário do constrangido Marsden. Ele sabia que o amigo alugava quartos na sua casa modesta e que ocupava emprego igualmente modesto; de forma alguma queria induzi-lo ou mesmo aceitar um sacrifício dele. Continuou protestando pelo caminho, mas o Irmão Van Orden insistia sorrindo.

Na loja, escolheu terno, sobretudo e chapéu dos melhores. Marsden protestava — eram muito caros, não era preciso gastar tanto. Mas o Irmão Van Orden não se deixou demover: o filho de Stanley Hale devia ter o melhor. Ele parecia tão satisfeito e desejoso de fazê-lo, que Marsden, tendo protestado sem sucesso, agradeceu-lhe do fundo do coração.

— Antes que você se vá, — observou o mais velho, — quero contar-lhe por que isto é tão importante para mim.

— Cheguei a este país como imigrante, garoto de apenas catorze anos. Eu não falava o idioma, não tinha dinheiro nem emprego, muito menos amigos. Sentia-me amedrontado, porém decidido a andar direito e a sair-me bem na nova pátria. Alguém mandou que eu procurasse Stanley Hale. “Ele recolhe vagabundos”, diziam. Naquele tempo, não captei o que queriam dizer, mas compreendi o coração de seu pai. Ele me arranhou um emprego. Trouxe cobertores para eu dormir no sofá em seu escritório. Alimentou-me até eu estar em condições de me manter.

— Há muito venho esperando a hora de contar esta história ao filho caçula de Stanley Hale. Esperei muito, muito tempo para retribuir ao filho do Stanley um pouquinho do pão que o seu santo pai lançou sobre as águas para mim, há muitos anos. Hoje você me fez muito feliz, e estou chorando de alegria.

Também os olhos de Marsden Hale estavam marejados, ao meditar sobre o milagre do pão lançado sobre as águas, de um semelhante acolhido e alimentado em tempo de necessidade.

No íntimo, agradeceu a Deus pelo pai com quem não chegara a conviver, mas que agora parecia conhecer tão bem.

Conselho para os Santos

Meus queridos irmãos: Mais uma vez, damo-vos as boas-vindas à conferência geral d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Estas sessões de conferência são momentos solenes e sagrados, nos quais nos congregamos para atender ao Senhor, para buscar o seu Espírito, e para sermos renovados em nosso desejo de servi-lo e guardar os seus mandamentos.

É nossa prece que todos os aqui presentes, todos os que ouvem as transmissões, e todos os que lerem as mensagens da conferência tenham o coração aberto para as grandes verdades que serão apresentadas e para as palavras do sábio conselho, saídas dos lábios daqueles que irão falar.

Todas as conferências da Igreja são oportunidades para ensinarmos uns aos outros as doutrinas do Evangelho; para testificar da certeza e divindade das coisas que nos foram dadas pelo abrir dos céus; e para aconselharmo-nos mutuamente, e também com o Senhor, quanto ao que todos devemos fazer, a fim de cumprir a medida plena de nossa criação.

Somos os servos do Senhor. Temos recebido sua luz, verdade e revelação. Ele mandou-nos proclamar suas verdades e viver as suas leis. E assim, pois, em harmonia com seus desígnios e vontade, guiados pelo seu Santo Espírito, damos conselho e orientação para os santos e para o mundo.

A todos, declaro: Estes são os últimos dias. Dias de distúrbios, pesar e desolação. Dias em que Satanás habita no coração dos homens ím-

pios, em que a iniquidade campeia e em que se mostram os sinais dos tempos.

E não existe nenhuma outra cura para os males do mundo, exceto o Evangelho do Senhor Jesus Cristo. Nossa esperança de paz, de prosperidade temporal e espiritual, de uma provável herança no reino de Deus só é encontrada no Evangelho restaurado e através dele. Não existe qualquer obra em que nos possamos engajar, que seja tão importante como pregar o Evangelho, edificar a Igreja e o reino de Deus na terra.

E por isso convidamos todos os filhos de nosso Pai, indistintamente, a crerem em Cristo, a aceitarem-no como é revelado por profetas vivos, a se unirem à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Conclamamos o mundo a se arrepender, a adorar aquele Deus que os criou, a crer nas palavras daqueles a quem ele enviou a proclamar o seu Evangelho nestes dias.

Aos honestos de coração de toda parte, dizemos: O Senhor vos ama. Ele quer que recebais as bênçãos plenas do Evangelho. Ele vos está convidando a crer no Livro de Mórmon, a aceitar Joseph Smith como profeta, e a entrar para o seu reino terreno, tornando-vos, assim, herdeiros de vida eterna em seu reino celestial.

Aqueles que já aceitaram o Evangelho, dizemos: Guardai os mandamentos. Andai na luz. Perseverai até o fim. Sede fiéis a todo convênio e obrigação, e o Senhor vos abençoará muito além de vossos mais acalentados sonhos. E como foi dito por um dos antigos: "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: "Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem." (Ecles. 12:13)

A todas as famílias em Israel, dizemos: A família é a organização mais importante no tempo ou na eternidade. Nosso propósito na vida



e para o Mundo

Pres. Joseph F. Smith

é criarmos para nós unidades familiares eternas. Não existe nada mais importante que possa ocorrer em sua vida familiar do que as bênçãos seladoras do templo, e depois guardar os convênios feitos em conexão com esta ordem de casamento celestial.

Aos pais na Igreja, dizemos: Amai um ao outro de todo o coração. Guardai a lei moral e vivei o Evangelho. Criai vossos filhos em luz e verdade; fazei de vosso lar um céu na terra, um local em que possa habitar o Espírito do Senhor e onde a retidão possa ser inculcada no âmago de cada membro da família.

É da vontade do Senhor fortalecer e preservar a unidade dos lares. Concitamos os pais a que ocupem seu lugar de direito como chefe da casa. Pedimos às mães que apoiem e secundem o marido, e sejam uma luz para os filhos.

O Presidente Joseph F. Smith declarou:

"A maternidade é o fundamento da alegria no lar, e o alicerce da prosperidade de uma nação. Deus impôs a homens e mulheres obrigações muito sagradas com respeito à maternidade, obrigações essas que não podem ser descartadas sem invocar o desagrado divino." (A. D. Evangelho) E disse mais: "Ser um pai bem sucedido, ou u'a mãe bem sucedida, é muito mais do que ser um general ou estadista vitorioso." (Ibid.)

Aos jovens de Sião, dizemos: O Senhor vos abençoe e vos guarde, do que podeis estar seguramente confiantes, se aprenderdes as suas leis e viverdes em harmonia com elas. Sede fiéis a tudo o que vos é confiado. Honrai vossos pais. Vivei juntos em amor e concordância. Sede modestos no trajar. Superai o mundo e não vos deixeis desencaminhar pelos modismos e costumes daqueles cujos interesses se centralizam nas coisas mundanas.

Casai-vos no templo e levai uma vida de alegria e retidão. Lembrai-vos das palavras de Alma: "Iniquidade nunca foi felicidade." (Alma 41:10) Lembrai também que nossa esperança pelo futuro e o destino da Igreja, e a causa da justiça está em vossas mãos.

Aos que são chamados para cargos de confiança e responsabilidade na Igreja, dizemos: Pregai o Evangelho com clareza e simplicidade segundo está nas obras-padrão da Igreja. Testificai a veracidade da obra e das doutrinas reveladas novamente em nossos dias.

Lembraí as palavras do Senhor Jesus Cristo, que disse: "Entre vós sou como aquele que serve." (Lucas 22:27), e procurai servir com os

olhos fitos só na glória de Deus. Visitai os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e conservai-vos limpos das manchas do mundo.

Há muito mais que o Senhor quisera que ouvíssemos, soubéssemos e fizéssemos, e contarei com o Presidente Lee e o Presidente Tanner, com os membros do Conselho dos Doze e as outras autoridades gerais, para que continuem aconselhando-vos dessas coisas pelo poder do Espírito.

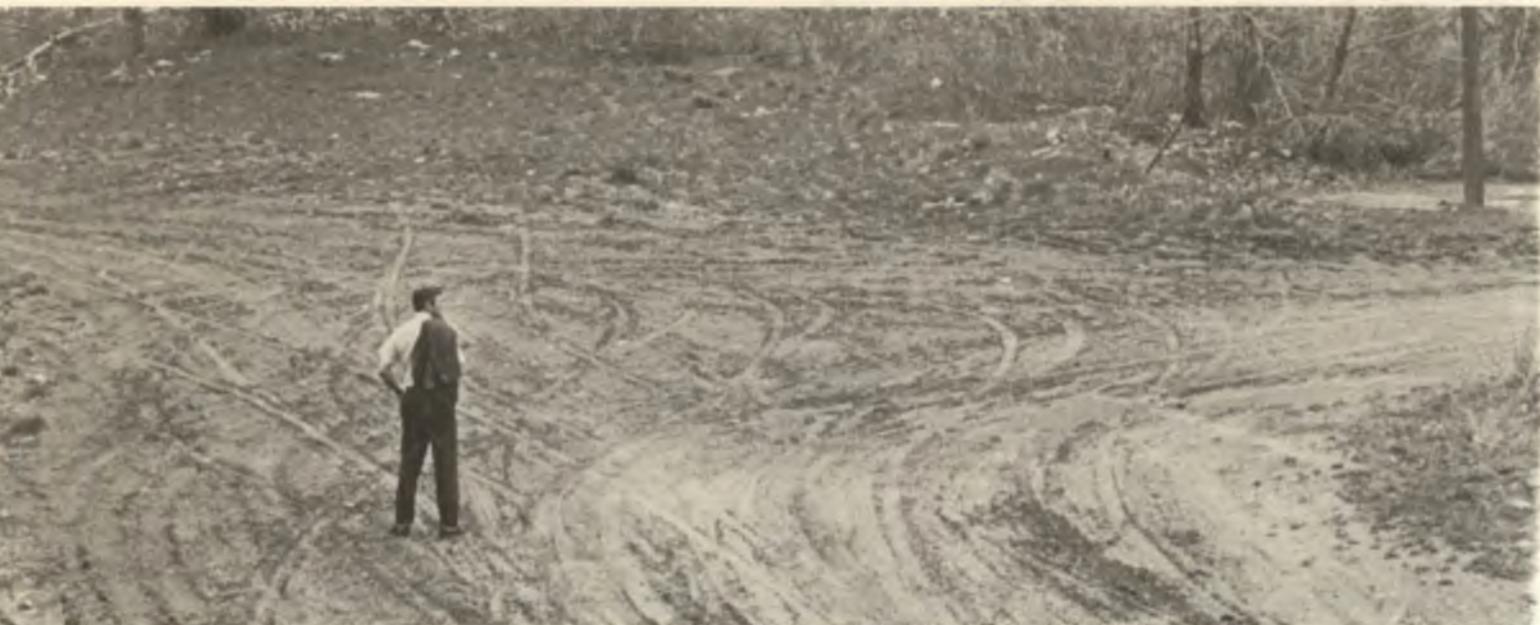
Gostaria de concluir, prestando o testemunho pessoal da divindade da obra do Senhor na terra e das verdades eternas das doutrinas que ele tem revelado por intermédio de Joseph Smith e os que o seguiram.

Sei, pelo que o Espírito Santo revelou à minha alma, que Deus, nosso Pai Eterno, vive; que enviou seu Filho Unigênito ao mundo para oferecer-se em expiação infinita e eterna; e que restaurou, nestes últimos dias, a plenitude de seu Evangelho eterno.

Sei e testifico que os propósitos do Senhor prevalecerão na terra. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está aqui para ficar. A obra do Senhor triunfará. Nenhum poder na terra poderá impedir a difusão da verdade e o desenvolvimento do Evangelho em todas as nações.

Desejo agradecer ao Senhor por sua bondade e graça, por todas as bênçãos que tão abundantemente tem derramado sobre nós; e oro para que todos nós possamos ser dignos de receber a plenitude eterna a qual ele oferece aos seus santos, por meio do Evangelho de seu Filho, e façamos em nome de Jesus Cristo. Amém.





Tempo de Decisão

Presidente Harold B. Lee

Nestes anos de tensões extremas, deveríeis ter sempre em mente esta admoestação do próprio Senhor: "Portanto, sede sujeitos aos poderes estabelecidos até que reine aquele cujo direito é reinar, e subjugue todos os inimigos debaixo de seus pés." Ele nos lembra igualmente de que "o que guarda as leis de Deus não tem necessidade de desobedecer às leis da terra". (D&C 58:22,21)

Temos registro do refrão angélico por ocasião do nascimento do Salvador, segundo Lucas: "... paz na terra, boa vontade para com os homens." (Lucas 2:14)

Em aparente contradição com esta mensagem, encontramos as palavras registradas do Mestre: "Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Porque eu vim pôr em dissensão o homem con-

tra seu pai... E assim os inimigos do homem serão os seus familiares." (Mateus 10:34:36)

De que forma reconciliar estas citações aparentemente contraditórias?

As primeiras revelações desta dispensação falam de dois domínios conflitantes no mundo de hoje. Um deles é conhecido como o domínio do diabo, "quando a paz será tirada da terra". (D&C 1:35)

No Apocalipse, bem como em outras Escrituras, lemos que antes de a terra ser povoada, "houve batalha nos céus". (Apoc. 12:7)

Um dos filhos ambiciosos das criações espirituais de Deus no mundo pré-mortal, prometeu salvação para toda a humanidade, sem esforço da parte dela, desde que lhe concedessem poder supremo, até mesmo para destronar o próprio Deus, cujo direito divino é reinar sobre a terra.

Disso resultou profundo rancor desse filho que veio a ser Satanás, e de seus seguidores, para com o Filho amado de Deus e os que o seguiam, cujo plano de salvação, em contraste, dava a todo espírito o direito de escolher, e toda a glória ao Pai. Chegou mesmo a oferecer-se como o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apoc. 13.8, a fim de que, pela redenção de seu sacrifício expiatório, "toda a humanidade... (pudesse) ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho". (3.ª Regra de Fé).

Satanás foi expulso juntamente com suas hostes, porque pretendeu destruir o arbítrio do homem, tornando-se o autor da falsidade para enganar e cegar os homens, e levar cativos todos os que não dessem ouvido às palavras e ensinamentos do plano eterno de Deus.

O outro domínio no mundo de hoje mencionado nas Escrituras é o do Senhor, quando ele "terá poder sobre os seus santos, e reinará no seu meio". (D&C 1:36)

Hoje ouvimos falar constantemente dos desconhecedores e mal orientados a exigir o que chamam de livre-arbítrio, e segundo evidencia sua conduta, aparentemente entendem que possuem o arbítrio para fazer o que bem lhes agrada ou para exercer sua própria vontade na determinação do que é lei e ordem, certo e errado, ou mesmo honra e virtude.

Esses são conceitos assustadores, se refletirdes sobre o que acabei de citar da palavra revelada de Deus. Um simples momento de reflexão vos levará a perceber que, quando alguém se põe a fazer suas próprias leis e presume não conhecer outra lei senão a sua, está apenas copiando o plano de Satanás, que pretendia ascender ao trono de Deus, ao se arvorar em juiz de todas as leis do homem e do mundo. Sempre existiu e continuará existindo o conflito entre as forças da verdade e da mentira; entre as forças da justiça e as do mal; entre o domínio de Satanás e o domínio dos liderados pelo estandarte de nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo.

O verdadeiro sentido de livre-arbítrio foi claramente estabelecido pelo pai, que explicou ao filho:

"Portanto, os homens são livres, de acordo com a carne... E estão livres para escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens (isto é, a expiação do Salvador), ou para escolher o cativeiro e a morte, de acordo com o cativeiro e o poder do demônio..." (II Néfi 2:27)

"O Senhor Deus delxou... que o homem agisse por si mesmo; e o homem não poderia agir por si mes-

mo a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa." (II Néfi 2:16)

Como nos pareceria viver numa espécie de vácuo, onde tudo viesse ao nosso encontro, sem qualquer esforço ou luta de nossa parte para vencer esses obstáculos?

Um de meus estimados colegas falou-me de seus esforços em ajudar um jovem estudante universitário que sentia pena de si mesmo, carecia de motivação e não tinha senso de responsabilidade. Esse meu amigo fez-lhe uma atraente proposta mais ou menos nos seguintes termos:

— Filho, eu vou assumir plena e inteira responsabilidade por sua vida daqui em diante, livrando-o de todas as preocupações. Pagar-lhe-ei as anuidades da faculdade, comprarei as roupas de que precisar, forneçerei um automóvel e um cartão de crédito para a gasolina. Quando chegar a hora de casar-se, não se preocupe; tratarei de arranjar-lhe a noiva e também terá uma casa completamente montada. Encarregar-me-ei também de manter você e sua família sem qualquer esforço de sua parte. O que acha desta minha oferta?

Após um momento de grave reflexão, o moço replicou:

— Bem, desse jeito, a vida não teria mais nenhum sentido para mim.

Ao que meu amigo respondeu:

— É exatamente isto que eu estava querendo levá-lo a entender, meu rapaz. Este é o propósito da vida — não existe alegria sem luta e sem o exercício das aptidões naturais.

Pois bem, e no exercício do direito de livre-arbítrio dado por Deus, ou seja de livre escolha, como se pode distinguir entre o certo e o errado?

Escreveu um conhecido colunista: "Verdade é a lógica do universo. É a razão do destino; a mente de Deus. E nada que o homem possa inventar tomará o seu lugar." (Franke Crane)

Outro homem de sabedoria acrescentou: "Não existe progresso na verdade fundamental. Podemos crescer em conhecimento de seu significado e dos modos de sua aplicação, mas seus grandes princípios serão os mesmos para sempre." (Hamilton Wright Mabie)

Durante seu interrogatório diante de Pilatos, o Mestre declarou que sua única missão era dar testemunho da verdade. Pilatos então perguntou: "Que é a verdade?"

Se, naquela ocasião, o Salvador respondeu ou não a essa pergunta, as Escrituras não esclarecem; mas, em nossos dias, o Senhor respondeu pessoalmente, como poderia ter feito diante de Pilatos, e passo a citar suas palavras: "E a verdade é o conhecimento das coisas como são, como eram e como serão; E o que for mais ou o que for menos do que isso é o espírito daquele ser iníquo que desde o princípio foi mentiroso." (D&C 93:24-25)

Permiti-me falar alguns minutos das certezas em que o homem pode basear-se em sua busca da verdade.

A primeira sobre a qual gostaria de expor é a que nas Escrituras denomina-se Luz de Cristo, Espírito da Verdade, ou Espírito de Deus, sendo assim denominada de várias maneiras, significando em tese a influência da Deidade que emana da presença de Deus e a qual aguça o entendimento do homem. (Vide D&C 88:49) O Apóstolo João a descreve como "a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo". (João 1:9)

Um dos presidentes da Igreja dá a seguinte explicação: "Não há um único homem nascido no mundo que não tenha certa porção do Espírito de Deus, e é esse Espírito que lhe dá entendimento... (a) cada um de acordo com a sua capacidade para



“Não há um único homem nascido no mundo que não tenha certa porção do Espírito de Deus . . .”

receber a luz... (a qual) nunca cessará de lutar com ele, até que passe a usufruir de inteligência superior.” (Joseph F. Smith, **A Doutrina do Evangelho**, p. 50)

Aos não familiarizados com a linguagem das escrituras, gostaríamos de explicar que a Luz de Cristo pode ser descrita como a nossa própria consciência, ou a voz do divino dentro da própria alma.

Quando eu era funcionário público bastante moço ainda, recebi um sábio conselho de um dos líderes da Igreja. Disse-me ele: “A única coisa que lhe pedimos é que vote pelo que, em seu íntimo, considerar certo. Preferiríamos mil vezes que errasse fazendo o que achava certo, a que votasse por razões políticas.”

Passo estas sábias palavras aconselhadoras, pelo que valem, a outros funcionários públicos, e recomendo

com todo o empenho que aqueles entre vós que tiverem pesadas responsabilidades em funções públicas ou em outro setor qualquer, que meditem devotamente e dêem ao Senhor uma oportunidade de ajudá-los a solucionar os problemas da vida.

“Os expedientes são para uma hora”, disse alguém, “mas os princípios para a eternidade.” (Henry Ward Beecher)

Agora, outra certeza da qual gostaria de falar:

Devemos ter sempre em vista que as melhores armas contra qualquer filosofia falsa são os ensinamentos positivos do Evangelho de Jesus Cristo.

A todos os que partem como legítimos embaixadores do reino de Deus, procuramos incutir que sigam o sábio conselho do Apóstolo Paulo, um dos mais hábeis defensores da

fé em todos os tempos. Na sua missiva aos coríntios, ele nos dá seu conselho se quisermos ser tão capazes como ele em nosso ministério. Eis o seu segredo no combate ao mal:

“E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria.

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.

“Para que vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.” (I Cor. 2:1-2,5)

Ninguém ensina honestidade explicando a outro como arrombar um cofre, nem pregamos castidade a um jovem contando-lhe tudo sobre hábitos sexuais.

Assim, também, é sabedoria inspirada que devemos aplicar nossos esforços ensinando a verdade pelo poder de Deus Onipotente, a fim de podermos forjar a mais poderosa das armas contra as doutrinas viciosas de Satanás.

Certa vez, perguntaram ao Profeta Joseph Smith como conseguia governar os membros da Igreja. Ele respondeu numa única sentença: “Ensinaí-lhes princípios corretos e eles se governarão a si mesmos.”

Se dermos demasiada ênfase às filosofias dos inimigos da retidão, ao invés de ensinarmos vigorosamente os princípios do Evangelho de Jesus Cristo, isto servirá apenas para incitar controvérsias e disputas, frustrando com isso o próprio objetivo da nossa obra missionária em todas as nações do mundo.

Agora, a terceira certeza:

Todos os que servem em cargos públicos, logo descubrem a constante e imperativa necessidade de decidir se as demandas a respeito de questões controvertidas partem, ou

não, de uma minoria barulhenta e bem organizada, ou de uma maioria menos evidente, mas cuja causa é justa e de acordo com princípios corretos. Em todos os casos, faríamos bem em meditar sobre o conselho de um sábio rei de outros tempos: "É raro a voz do povo desejar algo em contrário ao que é direito; mas, freqüentemente, a minoria do povo deseja o que não é justo; portanto, observai e tende por lei isto: Resolvi vossos negócios de acordo com a voz do povo." (Mosiah 29:26)

Que as palavras desse sábio rei antigo sejam o nosso conselho aos membros da Igreja e aos homens honrados da terra em toda a parte. Sede alerta e ativos em vossos negócios e interesses políticos. O grande perigo em qualquer sociedade está na apatia e falta de precaução nos assuntos cotidianos. no que diz respeito a princípios ou eleição de funcionários públicos.

A quarta certeza que se deve ter em mente em nossas responsabilidades cívicas é escolher para governar-nos como "oficiais e magistrados civis" aqueles dispostos a "executar as... leis... e administrar a lei em equidade e justiça" (D&C 134:3), segundo a admoestação de homens inspirados por Deus.

Em suma, temos que procurar políticos que perguntem: "Será certo e bom para o país ou a comunidade?", em lugar daqueles que talvez indaguem apenas: "Será politicamente interessante?"

Lembrai-vos do nosso **credo** político: "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei." (12.ª Regra de Fé)

Onde quer que estiverdes, onde quer que viverdes, orai pelos líderes de vossa pátria, lembrando-vos de

que, tudo aquilo que vos é caro, está nas mãos deles também. Lembro novamente a injunção do Senhor: "... sede sujeitos aos poderes estabelecidos até que reine aquele cujo direito é reinar, e subjugue todos os inimigos debaixo de seus pés." (D&C 58:22)

E agora, finalmente, a suprema de todas as certezas é o plano eterno de Deus, conforme está no Evangelho de Jesus Cristo. Nele foram-nos dados os princípios infalíveis que manterão nossos pés firmemente plantados no caminho seguro. Por esses princípios eternos, podemos distinguir prontamente o certo do errado. Na primeira revelação de nossa era, foi-nos dito que os ensinamentos do Evangelho foram dados para que "se errassem, pudessem reconhecê-lo, e se buscassem sabedoria, fossem instruídos". (D&C 1:25-26)

Pela luz das verdades do Evangelho, podemos ver que "tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte, podeis perfeitamente saber que é de Deus." (Morôni 7:16)

Mas, podemos saber também que "tudo quanto persuade o homem ao mal e a não crer em Cristo, negando-o e não servindo a Deus, podeis considerar com certeza que é do demônio". (Morôni 7:17) Não importa que seja rotulado de dogma religioso, filosófico, científico ou político.

Que maravilhoso senso de segurança encontra numa crise aquele que aprendeu a orar e cultivou sua percepção auditiva, de maneira que possa clamar e obter resposta do Senhor; e quando gritar, ele dirá: "Eis-me aqui." (Isaías 58:9)

O General Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas durante a II Guerra Mundial, falando da

tomada de algumas das mais cruciantes decisões militares que iriam modificar o destino do mundo, reconheceu humildemente: "Eis o que descobri sobre a religião: ela nos dá coragem para tomar as decisões necessárias numa crise, e depois a confiança de deixar o resultado entregue ao Poder Supremo. Somente pela confiança em Deus, um homem com pesadas responsabilidades pode encontrar paz de espírito."

Aqui o tendes, todos vós que liderais em altos cargos no mundo empresarial, no governo, ou na Igreja, enfim, em qualquer setor da vida: a lembrança constante de Deus está no alto, e tudo pode estar bem com o mundo, se o buscarmos e encontrarmos, "ainda que não está longe de cada um de nós; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos... Pois somos também sua geração". (Atos 17:27-28)

Permiti-me prestar, com toda a humildade, meu próprio testemunho do poder dessas diretrizes em minha vida. Aprendi, por experiência própria, que ao se tornarem mais pesadas as responsabilidades, maior se torna minha dependência do Senhor.

De certa forma, começo a entender o sentido das palavras de Moisés que, após sua grande experiência espiritual, declarou: "Agora... sei que o homem não é nada, coisa que nunca havia imaginado." (Moisés 1:10)

Mas, através das luzes e sombras de minha vida, tenho também a convicção de que, com auxílio do santo poder de Deus, dúvidas podem transformar-se em certezas, fardos são aliviados, e pode ocorrer um renascimento literal, à medida que se torna mais certa a proximidade com o meu Senhor e Mestre — do que presto humilde testemunho em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Bispo Vaughn J. Featherstone



Um Desafio para o Sacerdócio

Meus queridos Irmãos da grande Igreja de Jesus Cristo, gostaria de que soubésseis quão humilde me sinto nesta grande oportunidade. Nesse momento, lembro-me a história de Ed Garner. A mulher dele ouve mal e usa um aparelho de surdez; certa noite, estavam os dois sentados na sala de estar, ela de olhos baixos, entretida com seu tricô, quando o marido, olhando por cima do jornal, falou:

— Sabe, até que você me envaidece.

Ela então, levantando os olhos, responde:

— Saiba que você me aborrece também.

Quando o Presidente Lee e o Presidente Tanner, sob a orientação do Presidente Joseph Fielding Smith, falaram comigo por telefone, não tive muita certeza de ter ouvido o que pensei ter ouvido.

Há mais de vinte anos que venho chegando para a sessão do Sacerdócio das conferências por volta de quatro horas. Costumo acompanhar as sessões vespertinas pela televisão, em casa, até mais ou menos vinte para as quatro, e então venho para cá de carro e fico esperando

lá fora, com meus filhos ou amigos. Assim que abrem as portas, nós entramos e ficamos aqui sentados, esperando por duas ou três horas o início da reunião.

Durante todo esse tempo, tenho tido um único propósito. Além de ouvir as palavras dos apóstolos, profetas e autoridades gerais, fico olhando e estudando seus semblantes. E estou certo de que sempre tenho encontrado pureza de coração. Tenho sentido integridade. Tenho visto profundo amor e compreensão. Tenho achado auto-disciplina. Tenho percebido todas as belas qualidades que um portador do Sacerdócio desejaria ter. E tenho voltado para casa renovado e decidido a fazer transparecer no meu rosto tudo aquilo que vislumbrei no deles.

Depois de ter recebido este chamado, saí para o pátio dos fundos e vi desfilar em frente dos olhos da mente, multidões de portadores do Sacerdócio Aarônico — jovens excelentes e fiéis que se dedicam ao Senhor de todo o coração e alma, que desejam adquirir a mesma expressão que vemos no semblante dos irmãos aqui presentes hoje. E eles o estavam conseguindo, sendo

obedientes e marchando com seus líderes.

E, com grande tristeza, vi mentalmente outro grupo numeroso de portadores do Sacerdócio Aarônico, que não conseguiam adquirir essa expressão por serem desobedientes, e estar sendo persuadidos por amigos e companheiros.

Então vi um terceiro grupo que me deixou ainda mais perturbado, pois que era dos que teriam sido fiéis, se houvessem tido a necessária liderança. Se alguém tivesse estendido a mão para erguê-los, ampará-los e cuidar deles, eles poderiam ter incorporado integridade, amor e pureza de coração — todas estas boas qualidades — em sua vida.

Sou muito mais grato à minha mulher do que jamais conseguirei expressar. Ela, certamente, é o ser humano mais doce e bondoso que já conheci, e traz no rosto a mesma expressão que tenho visto nos apóstolos, profetas e autoridades gerais. Temos seis filhos. Dois deles estão em missão, um nos Estados do Golfo e o outro na Carolina do Norte-Virgínia. Os dois são escoteiros da Pátria e ambos, ao menos pelo que nos escrevem, estão fazendo o máximo



empenho em servir ao Senhor no seu chamado missionário.

Tenho dois outros rapazes em casa — Joe e Scott — que também são escoteiros da Pátria, dando-nos muito orgulho, e que estão seguindo e obedecendo como devem. Depois tenho um garoto de onze anos. Lawrence, que acredito possuir a estatura de Mórmon. É um jovem alto e forte do qual muito me orgulho. Temos ainda uma filha, Jill, depois dos cinco rapazes, e estou certo de que nos foi enviada como um anjo especial.

Estou grato pela confiança do Bispo (Victor L.) Brown. Ao meditar durante a semana passada — e foi a semana mais longa que já passei em toda a minha vida — ao considerar as grandes almas que conheço em toda a Igreja e a poderosa influência e grande orientação que têm, além de sua notável disposição em seguir o Senhor, sinto humildade por ter ele chamado uma pessoa como eu, ou que o Senhor o tenha feito por intermédio dele.

Permiti prestar-vos testemunho. Devo mencionar primeiro minha doce mãe e os meus sogros. São pessoas maravilhosas. Minha adorável mãe

criou nossa família praticamente sozinha. Foi ela quem nos orientou, dando-nos ambição física e mental; incutiu-nos isso e queria que fizéssemos algo de nós mesmos. Sinto muito orgulho dela.

Ao terminar, gostaria de citar-vos as palavras do profeta no livro de Alma, quando Aarão, ao pregar o dia inteiro ao rei de todos os lamanitas, e este, finalmente, ter acreditado:

“E aconteceu que, tendo Aarão explicado tudo isso, disse-lhe o rei: Que deverei fazer para conseguir essa vida eterna da qual falaste? Sim, que deverei fazer para poder nascer de Deus, arrancar este espírito iníquo de meu peito e receber o Espírito de Deus, enchendo-me assim de júbilo e não sendo rechasado no último dia? Eis que darei tudo quanto possuo; sim, abandonarei o meu reino para poder receber esse grande regozijo.

“Disse-lhe, porém Aarão: Se desejas isto, se te curvares diante de Deus, sim, se te arrependes de todos os teus pecados e te prostras diante de Deus... acreditando receber, então obterás a esperança que desejas.

“E aconteceu que, tendo Aarão falado essas coisas ao rei, este se ajoelhou diante do Senhor, sim, prostrou-se por terra e, clamando de todo o coração disse:

“Ó Deus, Aarão explicou-me que existe um Deus e, se há um Deus, e se tu és Deus, faze-me-lo saber e abandonarei todos os meus pecados para conhecer-te...” (Almas 22:15-18)

Há uma grande multidão de portadores do Sacerdócio Aarônico que abandonaria todos os seus pecados, desprezaria tudo o que o mundo possa oferecer, e deixaria tudo o que possui, se apenas soubesse que ele existe. Nossa solene responsabilidade, hoje, é ajudar esses portadores do Sacerdócio Aarônico a entenderem e conhecer os grandes chamados, saber que Deus vive (do que presto testemunho) e que temos profetas vivos na terra.

Nesses vinte anos em que tenho observado a entrada do nosso querido profeta e do Conselho dos Doze, eu sei que esses são homens inspirados, são homens santos, são profetas. Disso dou testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.



O que a Igreja Fará

Gordon B. Hinckley

Na esperança de que alguns estejam escutando, desejo dirigir minhas palavras a dois grupos de homens que perderam contato com a Igreja: Os que são membros nominais, mas estão fora de contato; e depois, os homens de toda a parte — homens céticos, teimosos, sérios, que fazem perguntas inquietadoras e desejam respostas pragmáticas.

E o faço lançando a pergunta: "O que a Igreja fará por vós, homens?"

Minha resposta:

Primeiro, ela o introduzirá na maior irmandade do mundo inteiro.

Todo homem anseia por fraternidade. Este desejo é parcialmente satisfeito em muitas agremiações cívicas, associações de classe, grupos sociais e organizações similares. E muito embora todos eles possam ser benéficos, não há nada que se iguale à irmandade do Sacerdócio de Deus.

Nesta encontrareis centenas de milhares de homens dignos, de todas as camadas sociais, investidos com autoridades para agir em nome de Deus e obrigados pela própria natureza do sagrado dom que cada um recebeu, a fortalecer e ajudar um ao outro. As palavras do Senhor, dirigidas a Pedro, aplicam-se a essa situação. Disse ele: "Simão... eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:31-32)



por Vós Homens?

Este é um dos grandes propósitos da organização de quoruns no Sacerdócio da Igreja — possibilitar a percepção das necessidades alheias, e uma oportunidade e veículo para fortalecimento mútuo.

Um dia, recebi um telefonema de certo oficial da Igreja, um advogado, comunicando-me que um de seus vizinhos o procurara, pedindo-lhe ajuda para obter o divórcio. Contou que seu casamento fracassara. Ele e a esposa haviam levado uma vida muito além de suas posses, estavam seriamente endividados, os problemas monetários levavam a constantes brigas, deteriorando o casamento a ponto de tornar impossível a vida em comum.

Discutimos o caso, e como resultado, três dos companheiros de quorum do Sacerdócio desse irmãos foram designados a, juntamente com o casal, encontrar uma saída para seus problemas. Um era advogado, outro banqueiro e o terceiro, contabilista. O casal concordou em entregar seus negócios nas mãos deles, seus vizinhos e irmãos.

O comitê pôs mãos à obra, valendo-se da prática decorrente de seus conhecimentos e experiência profissional. Entraram em contato com os credores, os quais, devido à confiança na capacidade do dito comitê, concordaram em conceder certo prazo para a solução de seus problemas. Tal desfecho estava totalmente fora de seu alcance, mas, para aqueles irmãos experientes, era apenas mais

um desafio.

Houve ordem no caos. No lar, a paz foi restaurada. Sua vida recebeu um novo senso de segurança. A esposa tinha-lhe um respeito que nunca antes demonstrara. Ao fim de dois ou três anos, todos os credores haviam sido pagos. E o casal aprendeu princípios que o qualificavam para gerir o lar como deve ser.

Disse Paulo, falando aos romanos: "Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos", e depois acrescentou: "e não agradar a nós mesmos." (Rom. 15:1) Este é o espírito dessa grande irmandade de homens — suportar as fraquezas um do outro, não necessariamente para agrado próprio, mas em cumprimento de uma obrigação divina.

Segundo, a participação ativa na Igreja motivará o homem a purificar sua vida, se necessário.

Somadas as experiências da Igreja, podem-se contar milhares e milhares de casos de homens que, sob os impulsos benéficos do Evangelho de Jesus Cristo e o convívio inspirador com homens de bem, conseguiram a força para desfazer-se de hábitos que os escravizavam há anos e anos.

Há muito tempo, em Hiroshima, eu conversava com um negociante japonês, bem ao lado do monumento que recorda o acontecido naqueles trágicos minutos de 6 de agosto de 1945, em que umas 85.000 pessoas perderam a vida. Contou-me ser, na

época, membro do Exército Imperial Japonês e que, daquela experiência, nascera-lhe profundo ódio a todos os americanos.

Certo dia, dois de nossos missionários bateram-lhe à porta. Ele, porém, estava tão embriagado, que não pôde falar com eles. Sua vida perdera todo e qualquer propósito, restando-lhe como único refúgio a bebida. Não percebendo quem eram, convidou-os a voltar, ao que se seguiu o batismo semanas mais tarde.

Com a conversão, veio propósito para sua vida, a vontade de abandonar velhos hábitos, e a força para mudar completamente de rumo. Falou de seu apreço pelos jovens que o haviam ensinado e da motivação que conseguiram criar dentro dele.

Na época de nossa conversa, ele servia como membro da presidência do ramo e participava ativamente do quorum de élderes. Em essência, seu caso poderia ser multiplicado milhares de vezes. Não existe força igual ao poder reformador do Evangelho de Jesus Cristo, para suscitar no homem o desejo e a vontade de uma transformação em sua vida.

Terceiro, a participação ativa na Igreja proporciona crescimento através de responsabilidades.

É um axioma tão verdadeiro como a própria vida, que nós crescemos enquanto servimos. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é, entre outras coisas, uma excelente escola para o desenvolvimento de líderes. Tenho dito a gru-

pos de missionários, ao encontrá-los nas mais diversas partes do mundo: "Vocês não parecem lá grande coisa, mas são tudo do que o Senhor dispõe." E o milagre é que, servindo ao Senhor, eles tornam-se gigantes em capacidade e realização.

O mesmo se dá com todos nós. Se a obra do Senhor deve prosseguir, tem de ser feita por gente como vós e eu. Nesta Igreja, há constante carência de homens para ocupar cargos de responsabilidade. Eles têm que ser aceitos conforme são. O maravilhoso é que, ao servir, aproveitando os ótimos programas de treinamento e magnificados pelo Espírito de Deus, tornam-se eficientes e fortes.

Lembro-me ainda da conversa com certo moço que veio a esta comunidade pela primeira vez, enquanto fazia o serviço militar. Um domingo passou pela Praça do Templo, e as conversas aqui iniciadas levaram-no eventualmente ao batismo.

Quatro ou cinco anos mais tarde, eu o entrevistava para tornar-se presidente de um quorum de élderes. Nesta oportunidade, falou-me da sua infância como órfão, de sua vida de isolamento e tristeza, sem qualquer oportunidade de instrução e progresso. Aí, entrou para a Igreja, recebendo primeiro uma designação, depois outra, e mais outra, cada uma delas um pouco além de sua capacidade na época; porém, ao servir, suas aptidões iam aumentando.

Agora estava preparado para uma responsabilidade maior. Sua vida ha-

via-se modificado. Hoje é um oficial da Igreja, alto funcionário em cargo de responsabilidade, bom marido, pai exemplar, excelente vizinho.

Diz Robert Browning¹: "A vontade do homem deve exceder sua capacidade." Nós progredimos, procurando constantemente fazer o que está um pouquinho além de nossa habilidade imediata. Um dos aspectos notáveis do programa da Igreja é sua constante motivação para o homem esforçar-se, para procurar alcançar um pouco mais alto.

Quarto, a filiação e entrosamento ativa na Igreja dará um novo sentido à vida, uma dimensão espiritual que se tornará como que uma rocha de fé, com investidura de autoridade para falar em nome de Deus.

Na abertura deste trabalho na presente dispensação dos tempos, o Senhor declarou ser um dos propósitos da restauração do Evangelho "que todo homem fale, em nome de Deus, o Senhor, o Salvador do mundo". (D&C 1:20)

Abençoado o homem que ora com a certeza de que as preces são ouvidas e respondidas. Abençoado o homem que tem por companheiro o Santo Espírito. Abençoado o homem que possui a autoridade para falar em nome de Deus.

Quando o Rei Belsazar reuniu os amigos para uma noite festiva e orgiaca, apareceram uns dedos de mão de homem escrevendo na parede. Chamaram-se astrólogos e adivinhos, para que interpretassem o escrito, mas estes nada conseguiram,

deixando o monarca profundamente perturbado.

Então, disse-lhe a rainha: "Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses... (Daniel 5:11)

Daniel foi trazido à presença do rei, e graças ao poder nele existente, interpretou o escrito na parede.

Eu gostaria de sugerir que todo homem que possui e magnifica o Sacerdócio pode ter dentro dele "luz e inteligência e sabedoria, como a sabedoria dos deuses".

O que a filiação atuante na Igreja fará por vós, homens? Acrescentará seguramente uma dimensão espiritual à vossa vida, para benefício de vossa família, associados e vós próprios.

Quinto, ajudar-vos-á no governo do vosso lar.

Quão mais forte não seria o país — qualquer país — se todo lar fosse presidido por um homem que considerasse a esposa como uma companheira eterna, com ele engajada em parceria com Deus, na realização de propósitos divinos, eternos, e que encarasse seus filhos como sendo filhos do Pai Celestial por este entregues à sua custódia.

Os atos nascem do comportamento, e num lar assim, em que os princípios do Evangelho verdadeiro se tornam diretrizes de governo, haverá mútuo apreço, respeito, deferência, cortesia e honra, pois o pai considera aqueles por quem é respon-

sável como bênçãos recebidas da mão divina, para serem cuidados, nutridos, protegidos e amados.

Um converso à Igreja disse, certa vez:

— Eu acreditava que como pai, deveria surrar meus filhos. A menor infração era respondida com imediato castigo físico. Depois, o Evangelho chegou ao nosso lar. Passei a ver meus filhos com olhos diferentes. Eles eram meus, sim, mas eram também filhos do nosso Pai Eterno. Como poderia eu maltratar um filho de Deus? Comecei a desenvolver um ponto de vista inteiramente novo no tocante aos filhos, e eles corresponderam com uma atitude nova para comigo. Se existe disciplina lá em casa? Existe sim, porém de outro tipo muito diferente, não somos mais adversários. Continua havendo certas penalidades para transgressões, mas diferentes e aceitas como coisa merecida, e não amargamente ressentida como antes. Agora há respeito mútuo, e mais do que isto, existe amor. Que diferença faz o Evangelho! — concluiu ele.

— Sim, — acrescentei, — que diferença faz o Evangelho, quando é aceito e aplicado.

Finalmente, a Igreja possibilita-vos, como homens, vincular para a eternidade a vós próprios aqueles a quem mais amais.

Não há na vida outro relacionamento tão sagrado, tão satisfatório, de conseqüências tão importantes quanto a família. Assim, pois, como são trágicas as implicações dessas

palavras freqüentemente pronunciadas no dia do casamento: "Até que a morte vos separe."

Tão certo como tal cerimônia celebrou um vínculo conjugal, ela também decretou a separação e o cancelamento do vínculo familiar na morte. Pensar em vida eterna sem amor eterno, é criar um paradoxo, uma contradição.

Um amoroso Pai Eterno, cheio de solicitude pelos filhos, tornou possível a continuação desses laços sagrados. Aos seus Doze escolhidos, declarou o Senhor: "E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus..." (Mateus 16:19)

Este mesmo poder de ligar nos céus o que é ligado na terra, existe na Igreja de hoje. É celebrado nos templos sagrados, onde, pela autoridade do Sacerdócio de Deus, pai, mãe e filhos são unidos por selamento, sob um convênio e num vínculo que o tempo não pode romper nem a morte consegue destruir.

Não faz muito tempo. falei no funeral de um homem eminente desta comunidade. Foi uma hora de profunda tristeza, sim. Mas também uma hora de confiança renovada. E através das lágrimas daquela maravilhosa mulher e filhos enlutados, transparecia um sorriso de paz, nascido de uma dominante certeza de que o esposo e pai partira apenas para preparar a reunião futura.

Posteriormente àquele serviço fúnebre, recebi carta de um líder empresarial da nossa comunidade, ho-

mem não pertencente à nossa fé, dizendo: "Vocês possuem uma atitude positiva realmente impressionante. Vocês vêm para confortar e não para chorar — para louvar a vida, em vez de maldizer a morte. A profundidade de sua fé certamente os sustenta em muitas vicissitudes da vida, das quais a morte não é a menor."

O que a Igreja fará por vós, homens? Ela vos dará a garantia, tão certa quanto a própria vida, de que a morte não passa de uma graduação, e que tereis por toda a eternidade, os seres que vos são mais caros.

Aos nossos irmãos de toda a parte, àqueles que se descuidaram e foram-se afastando, e àqueles que ainda não investigaram, faço um convite para que venham e vejam. Deus, em sua sabedoria, estabeleceu a sua organização para enriquecer vossa vida, dar paz à vossa alma e levar alegria e amor aos vossos lares — e a certeza de que os que amais podem pertencer-vos para todo o sempre.

Meus irmãos, a porta está aberta. Sereis recebidos calorosamente e encontrareis muitos homens de bem para vos ajudar. Além disso, como servo do Senhor, não hesito em promover-vos que vireis a conhecer uma alegria nunca antes experimentada.

Presto testemunho dessas coisas, conscientemente e com gratidão, em nome de Jesus Cristo. Amém.

1. Robert Browning (1812-1889) — Poeta Inglês.



Um Presente de Amor

Mary M. Ellsworth

Há muito, muito tempo, conheci uma garotinha de quatro anos que laboriosamente garatujou umas poucas palavras que sabia num pedaço de papel. Depois, juntou tudo o que tinha de valor dentro dele e foi correndo para a casa da avó. Enfiou o presentinho na mão da vovó, e voltou correndo para casa, pois era a manhã de Natal.

Uns doze anos mais tarde, logo após o falecimento da avó, os familiares adultos juntaram-se em torno do baú materno para examinar seus guardados. Surpreendentemente, ela guardara muito pouco de uma vida tão longa. Nada de valor material. Porém, lá no fundo, encontraram um papelucho amarelecido com as palavras "Eu te amo" rabiscadas por mão de criança, tendo entre as dobras três moedinhas de cobre.



A Festa das Luzes

Mirian Biskin

Quando Jesus era garotinho, costumava celebrar uma festa muito antiga, chamada **Hanukah**, que quer dizer: "Festa das Luzes". Celebravam-na em dezembro, que é inverno onde ele vivia. Lá nas terras de Israel, os invernos costumam ser amênos, e as crianças ganhavam figos e tâmaras no dia de festa e escutavam a antiqüíssima história do milagre das luzes, de como, há muito tempo atrás, os pagãos tentaram destruir o templo de Deus, mas o povo era forte e conseguiu expulsá-los. Depois, purificaram o templo, mas quando foram acender a lâmpada do altar, restava apenas um pequeno jarro de óleo que não daria nem para uma noite, no dizer do povo. Mas, mesmo assim, acenderam a lâmpada e deram graças a Deus. E a lâmpada brilhava acesa, e continuou assim, não por uma noite, mas durante oito noites... "É um sinal do Senhor," dizia o povo, "de que todos os povos devem ser livres e amar ao Senhor."

Esta é a história que Jesus ouvia e que todas as crianças judias ainda ouvem hoje, quando o inverno se aproxima e chega a festa do **Hanukah**.

Mensagem de Natal para as Crianças de Toda a Parte



De um Amigo para Outro
Primeira Presidência

Todos vocês são filhos de nosso Pai Celestial. Suas almas preciosa e espíritos juvenis são como gemas cintilantes resplandecendo na coroa da Igreja, que é o reino de Deus na terra. Não se passou muito tempo ainda desde que seus espíritos escolhidos saíram da santa presença do nosso Salvador Jesus Cristo. cujo nascimento lembramos e celebramos nesta jubilosa época de Natal.

Há quase dois mil anos, alguns pastores, guardando seus rebanhos à noite nas colinas próximas a Belém, ouviram as hostes anunciar o nascimento do Salvador. Os pastores saíram apressados na direção indicada pelos anjos e encontraram a Sagrada Criança envolta em panos, deitada numa manjedoura.

"E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria, e a graça de Deus sobre ele."

Quando Jesus se fez homem, costumava chamar as crianças para junto de si. Queria mostrar, com isso, seu grande amor por tudo o que é puro e santo, pois encontrava estas qualidades na vida confiante desses pequeninos, e dizia: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus." Jesus queria dizer que quem deseja voltar à sua presença, tem que ser tão puro e livre de pecado, tão honesto e confiante, e tão humilde e fiel como uma criança.

Quando Jesus chamava as crianças para perto de si, elas não podiam duvidar da sinceridade de seu carinho. Sentiam-se seguras no abrigo de seus braços fortes, confortantes e gentis. Acharam-se bem e contentes na sua presença. Para elas, o amor dele era real — uma coisa que podiam sentir e que as fazia muito felizes!

Nesta época de presentes e votos, o melhor que poderíamos desejar a vocês é que conheçam e entendam o autêntico valor do Evangelho e procurem sempre viver como Jesus. Para isso, vocês têm que saber o máximo possível sobre a vida e os ensinamentos dele. Isto poderão aprender lendo as Escrituras, freqüentando as aulas da Igreja e instruindo-se em casa, pelo ensino e exemplo de seus pais e irmãos, amorosos e fiéis.

Procurem sempre observar o exemplo do Salvador. Quando surgir um problema e tiverem que tomar uma decisão, perguntem a si próprios: "O que Jesus faria?", e depois ajam como ele.

Vocês podem sentir a alegria da presença dele e ter a sua inspiração para guiá-los todos os dias da vida, se a buscarem e viverem de modo que a mereçam. O amor de Jesus e a força confortadora de seu Santo Espírito poderão ser tão reais para vocês, como o foram para as crianças que ficavam junto dele durante sua vida terrena.

Oramos sinceramente que saibam, com toda certeza, que a melhor maneira de viver é conservar-se perto do Senhor, através da oração e fidelidade aos seus mandamentos.

Viveres para o Inverno

Mary P. Parrish



Quando Tommy, Betsy e seus pais partiram de Nauvoo, dispunham de mantimentos suficientes para um ano. Esperavam que bastassem para sustentá-los até a primeira colheita, depois da chegada ao longínquo vale no Oeste. Mas agora, ainda estavam em Winter Quarters, onde deviam demorar-se até a próxima primavera.

A mãe havia convidado Elias e Eliza, sua irmã, cuja mãe falecera recentemente, a morarem com ela, Tommy e Betsy, enquanto os homens estivessem servindo no batalhão. Seu suprimento de víveres estava quase no fim.

Tommy e Elias conversaram sobre a questão várias vezes.

— Se ao menos tivéssemos dinheiro, poderíamos ir a St. Joseph e comprar o mais necessário, — dizia Tommy. — Seriam somente uns oitenta quilômetros. Levando os carroções, poderíamos estar de volta em menos de duas semanas. Gostaria de achar um meio de conseguir algum dinheiro!

Um dia, Tommy surpreendeu-se vendo Parley P. Pratt chegar ao acampamento a cavalo. Três semanas antes, o Irmão Pratt, John Taylor e Orson Hyde haviam partido de Winter Quarters para fazer missão na Inglaterra. Por

que estará voltando ao acampamento sozinho?, perguntava a si mesmo.

O Irmão Pratt cavalgou diretamente até a cabana onde William Clayton, o guarda-livros do acampamento, tinha seu escritório. Tommy observou-o entrar e depois ficou esperando perto da porta.

Em poucos minutos, o Irmão Clayton chamava Tommy.

— Tome aqui uma carta para sua mãe e outra para Elias. Avise sua mãe que o Irmão Pratt voltou ao acampamento, trazendo dinheiro dos homens do Batalhão Mórmon. Ele os encontrou no Forte Leavenworth e ofereceu-se para retornar a Winter Quarters com o dinheiro, antes de prosseguir viagem para a Inglaterra.

Chegando à cabana, Tommy gritou por todos, para que viessem para fora.

— Olhe aqui, uma carta de seu pai para você, Elias, — disse. — E aqui uma para a senhora, mamãe.

Tommy e Betsy ficaram escutando caladinhos, enquanto a mãe lia a carta para eles. Quando chegou na parte que dizia haver dinheiro para eles no escritório do acampamento, Tommy pôs-se a gritar:

— Viva! Viva!

— Papai escreve que também tem dinheiro dele para a senhora usar, — informou Elias. — E diz que, se sobrar dinheiro suficiente depois de comprar mantimentos, talvez Eliza e eu pudéssemos ganhar sapatos novos.

A mãe de Tommy, pensando nos dias de inverno que estavam para chegar, disse decisivamente:

— Pode deixar, sobrá o suficiente.

Tommy sabia que, fosse como fosse, Elias e Eliza ganhariam seus sapatos. A mãe, passando-lhes os braços pelos ombros, comentou:

— Como é bom saber que seu pai continua cuidando de você, mesmo estando longe, não é?

Tommy ficara imaginando como iriam a St. Joseph.



— Não faz mal, — consolou-a Elias. — Em Nauvoo, costumávamos colher mel silvestre. Quem sabe, a caminho do acampamento, acharemos algum tronco oco abandonado pelas abelhas?

Na segunda noite depois de partirem de St. Joseph, Tommy e Elias descobriram um tronco oco, enquanto exploravam os arredores do acampamento. Estava cheio de favos até a borda. Como os rapazes não dispunham de vasilha, retiraram um pouco de mel com um pedaço de casca de árvore e levaram-no para o jantar. Depois, voltaram com dois caldeirões, a fim de colher o resto. Mal começavam a passar o mel para os caldeirões, ouviram um rosado surdo e, voltando a cabeça, deram de cara com enorme urso, que também farejara a colmeia silvestre. Largando os caldeirões, os garotos dispararam para o acampamento, gritando por socorro. Na pressa, Tommy tropeçou num toco. Elias viu o amigo cair e também que o urso os seguia de perto.

— Esconda-se debaixo do tronco, Tommy! — gritou.

O Irmão Morley, ao ouvir os gritos de socorro dos meninos, veio correndo com seu rifle, fez cuidadosa pontaria e disparou a arma. O urso caiu morto, bem ao lado do tronco.

— Muito obrigado, Irmão Morley, — disseram os garotos agradecidos. E Tommy pensou como estava certo o pai, insistindo em que nunca fossem longe sozinhos. E em seus ouvidos, ecoaram as palavras da mãe: “Como é bom saber que seu pai continua cuidando de vocês, mesmo estando longe.”

— A senhora acha que poderíamos partir amanhã cedo? — perguntou à mãe.

— Poderíamos, sem dúvida, se houvesse alguém para nos acompanhar. Papai insistiu que não fôssemos longe sozinhos.

— Semana passada, ouvi dizer que o Irmão Morley estava para ir a St. Joseph, — sugeriu Tommy. — Será que poderíamos acompanhá-lo?

— Talvez sim, — replicou a mãe. — Depois do jantar, iremos até a cabana dele para perguntar.

O Irmão Morley mostrou-se satisfeito por viajar em tão boa companhia. Dois dias depois, a família partiu de Winter Quarters com o Irmão Morley e seu filho, tendo Tommy na boléia de um dos carroções e Elias dirigindo o outro.

A primeira coisa que fizeram em St. Joseph foi comprar sapatos para Elias e Eliza. Depois, encheram os carroções com sacos de milho, trigo e batatas.

Betsy olhava desejosa para um pote de mel que alguém trouxera para vender, mas não havia mais dinheiro.





O Natal de Juca

Barbara e Willian Neelands

Era véspera de Natal. Fazia calor, como sempre acontece no Brasil durante o mês de dezembro, principalmente no Rio de Janeiro.

Juca e o pai estavam descendo o morro, a fim de procurar trabalho na cidade. A meio caminho, encontraram as irmãs do Juca que subiam equilibrando latas d'água sobre a cabeça. As garotas vinham cantando, revolvendo a poeira com os pés descalços pelo estreito atalho em zigue-zague. Caminhavam com aparente descuido, mas nunca derramavam uma gota sequer em todo o trajeto.

Sua casa era um dos inúmeros barracos da favela que subia pela encosta íngreme do morro, dominando a cidade. Ali, a mãe de Juca estaria esperando por eles.

— Não gosto de deixá-la so-

zinha, — dissera o pai de Juca, — com a pequena Aparecida doente. Por outro lado, se eu não encontrar trabalho, nosso Natal será muito minguado.

E por isso, puseram-se a caminho da cidade.

Andaram pelas ruas horas a fio, mas ninguém quis dar-lhes serviço, embora o pai de Juca fosse homem forte e simpático.

— Amanhã, quem sabe, — era a resposta de sempre.

Nas calçadas, mulheres idosas e garotinhos ofereciam doces e balas para a festa natalina. As vitrinas estavam profusamente decoradas com ornamentos de cores vibrantes, e numa delas havia uma tradicional árvore natalina. Juca ficou uma porção de tempo, olhando embevecido.

Aquele tipo de árvore não existia no Rio de Janeiro — para dizer a verdade, no Brasil

inteiro. As pontas dos ramos ostentavam luzinhas e estavam recobertas de algo parecido com neve, quando esta só cai ocasionalmente nas serras sulinas, e isto lá por volta de julho.

— Vamos indo, — disse finalmente o pai, ainda que também gostasse de olhar aquela estranha árvore.

Já estava escuro, quando subiram a encosta do morro que levava à favela. Uma luz fraca tremeluzia pelas janelas e frestas do casebre onde moravam, orientando seus passos. As luzes de outros casebres transpareciam na escuridão, desenhando um quadro futurista contra o penhasco escarpado.

A mãe continuava sentada com a garotinha no colo.

— A febre passou, — comentou com Juca e o pai. — Ainda vamos ter um Natal alegre.



— Que bom, — respondeu o pai. — Vimos a luz da casa desde lá embaixo onde começa a subida.

Ficaram conversando sobre uma porção de coisas, mas o Juca pensava só em como lá de baixo dava para ver claramente a luz da casa. Lembrou-se da árvore de Natal na vitrina da loja no centro da cidade. Então, de repente, saiu, sumindo dentro da noite.

Correu de lá para cá, acordando parentes, vizinhos e amigos.

Na casa da Tia Piedade, perguntou:

— A senhora tem uma vela?

— Tenho a sorte de possuir uma lamparina e um pouco de óleo para acendê-la, — respondeu a tia.

— Então acenda! — implorou o Juca. — Mas não aqui. Leve para a casa da prima Lourdes e ponha na janela, —

e saiu correndo.

— Ei, Tio Zé, — chamou. — Eu sei que não gosta de desperdiçar a lenha que junta na praia, mas hoje, o senhor tem que fazer uma fogueira. Bem aqui. Não onde costuma acender, mas um pouco mais para este lado.

O pessoal começou a perguntar ao Juca o que significava tudo aquilo. Ele cochichou-lhes algo como se fora segredo. Logo todos sabiam. E logo todo mundo do Rio também saberia.

As luzes começaram a surgir na favela inteira, enquanto Juca corria de casebre em casebre, deixando atrás de si risos e animação. Vozes faziam-se ouvir dentro da noite.

— Ponha a sua luz um pouco mais alto, — gritava alguém.

— Sua tocha precisa ficar mais em linha com a minha lan-



terna, — ouvia-se outra.

A velha Benedita foi a última a saber da coisa. Ela morava nos flancos da favela, numa casinha de madeira e bambu, grudada na encosta do morro como um ninho de andorinha. Juca partiu, deixando-a a atizar o fogo, e mais uma vez desceu correndo a lajeira íngreme para a cidade.

Mal notou o pai correndo atrás dele, e não levantou os olhos até chegar a uma das esquinas mais movimentadas do bairro. Grupos alegres começavam a jorrar das portas das igrejas, depois da missa do galo.

Então as pessoas se puseram a olhar para cima, para o morro da favela.

— Olha, uma árvore de Natal! Uma árvore de luzinhas! Foi o pessoal da favela quem fez!

Era verdade! Lá no alto, aci-

ma da cidade, como que no céu, brilhava o desenho perfeito de uma árvore de Natal iluminada, feito com a lamparina da Tia Piedade o fogareiro aberto da Mãe Benedita e todas as outras luzinhas cintilantes da favela. Juca e os vizinhos tinham-nas disposto em forma de árvore de Natal.

Quando Juca e o pai voltaram a subir o atalho poeirento, as luzinhas iam morrendo uma a uma. O pessoal da favela não tinha muito o que queimar, mesmo para uma celebração maravilhosa como aquela.

A meio caminho, pararam um momento, a fim de estenderem o olhar sobre o porto e a baía. Lá longe, perceberam outro grupo de luzinhas aproximando-se.

— É um navio entrando no porto, — observou o pai. — E mesmo na manhã de Natal, precisarão de gente para a des-

carga. Eu serei o primeiro a chegar lá.

Depois, batendo alegremente no ombro de Juca, acrescentou:

— Se não fosse a sua árvore de Natal, não teria sabido da chegada do navio.

E saiu correndo para as docas.

Quando Juca chegou em casa, estava tudo escuro e silencioso. Todo mundo já fora dormir. Juca também deitou-se encolhido sobre a esteira, no canto costumeiro. A festa faria o dia alegre para todos eles, mas nada conseguiria superar a alegria daquela véspera de Natal.

Quase a dormir, pensava ainda na árvore de Natal brilhando lá no alto.

— Eu sou muito rico, pensou. — Não é todo mundo que pode dar um presente de Natal a uma cidade inteira.

Um

Natal Inesquecível

Sílvia P. Young



De pé na trazeira do carroção, Janey alongava o olhar pela planície até um montículo de terra recém-revolvida. Não conseguia conter as lágrimas ardentes, e o nó em sua garganta parecia querer sufocá-la. A sepultura recente mostrava onde acabavam de enterrar Elizabeth Ann — sua melhor amiga.

Desde o dia em que os Jacksons tinham chegado a Nauvoo para morar na casa ao lado, Janey e Elizabeth Ann costumavam passar juntas muitas horas felizes, confidenciando

segredos, brincando de casinha ou em piqueniques nas margens do rio. Mas agora, Elizabeth Ann se fora.

Janey encostou-se no carroção, as faces lavadas de lágrimas. Embora o bispo houvesse falado de ressurreição, nada poderia fazer Elizabeth Ann voltar agora. Janey já conhecia a dor da morte. No verão passado, sua própria mãezinha e o irmão recém-nascido haviam sido sepultados em Nauvoo.

Naquela noite, muito depois de ter-se dei-

tado, Janey continuava desperta, pensando em como os pais de Elizabeth Ann iriam sentir falta dela, pois era sua única filha. Tommy, o irmãozinho, sentiria sua falta, e Mary Melinda também!

Mary Melinda era a boneca de Elizabeth Ann — uma boneca toda especial, com cabelo de verdade, louro e cacheado. Tinha olhos azuis que abriam e fechavam, e seu rosto, mãos e braços eram de porcelana cor da pele. Usava um vestido de organdi rosa todo enfeitado de rendas e sapatinhos brancos.

Janey nunca tivera uma boneca assim. Mas Elizabeth Ann sempre a deixava brincar com ela, como se, na verdade, a boneca pertencesse às duas. **O que será que a Sra. Jackson faria com Mary Melinda agora?**, Janey ficou a imaginar.

Na manhã seguinte, a caravana se pôs a caminho, em direção ao vale nas montanhas. Embora fosse um dia claro, ensolarado, a Janey parecia escuro e triste.

Dias mais tarde, remexendo nas roupas guardadas no grande cesto de vime, reparou em dois novelos de lã rosa. O tricô de Elizabeth Ann! Com muito cuidado, levantou os novelos. Num deles, estavam enfiadas as agulhas de tricô com o cachecol começado.

— É para o aniversário de mamãe, — Elizabeth Ann explicara a Janey.

— Quando é que ela faz anos? — Janey quis saber.

— É só em outubro, — disse Elizabeth Ann. — Mas vou demorar muito tempo para fazê-lo, porque só posso tricotar quando mamãe não estiver vendo.

— Por que você não o deixa aqui? — sugeriu Janey. — Assim pode trabalhar quando quiser.

— Oh, Janey, que ótima idéia! — concordou a amiga.

Janey ficou examinando o trabalho. O ponto era simples — um meia, um tricô.

“Este ponto eu também saberia fazer,” disse de si para si. “Poderia terminá-lo para Elizabeth Ann.” E daquele dia em diante, sem-

pre que tinha uma folguinha, trabalhava no cachecol. A cavarava finalmente chegou ao vale, e embora com isso o trabalho de Janey aumentasse bastante, em princípios de outubro terminou o cachecol: agora só faltava fazer as franjas.

O pai não regateou elogios.

— Uma profissional não faria melhor, — afirmou.

Ajeitando-o em torno da cabeça, Janey foi mirar-se no pequeno espelho por cima da pia. Então, sorriu satisfeita — o cachecol estava uma beleza, macio, agasalhante e de um cor-de-rosa suave. Assim que terminasse as franjas, iria levá-lo à Sra. Jackson.

Na tarde seguinte, bateu à porta dos Jackson com o coração aos pinotes. Quem atendeu foi o pequeno Tommy, de seis anos de idade. Sua mãe estava ocupada no fogão, mas voltou-se com olhar de alegre surpresa, ao ver Janey chegar.

— Janey! — exclamou. — Que bom ver você! Tenho sentido tanta falta sua e desejei que viesse até aqui. Tire o casaco e venha para junto do fogo. Estou justamente assando aqueles biscoitos de gengibre de que você tanto gosta.

Tirando o agasalho, Janey estendeu o pacote de papel comum.

— Trouxe-lhe uma coisa para o seu aniversário, — explicou. — Não sei o dia certo, mas Elizabeth Ann contou-me que é em outubro.

A Irmã Jackson desfez o embrulho com muito cuidado e, ao dar com o lindo cachecol rosa, ficou sem o que dizer.

— Janey, é uma beleza! — gaguejou afinal.

— Na verdade, não vem de mim, — respondeu Janey, e depois contou como Elizabeth Ann deixaria seu tricô com ela.

— Sempre será uma lembrança muito cara para mim, — disse a Sra. Jackson, com a lã macia encostada no rosto. — E é um presente seu também, Janey. Você teve tanto trabalho para terminá-lo. Por que fez isso, Janey?



— Porque lhe queria muito, e à senhora também! — respondeu a garota, com simplicidade.

A Sra. Jackson estendeu os braços, aconchegando-a ao coração.

Voltando para casa ao fim da tarde, com um cartucho de biscoitos para o pai e as irmãzinhas, Janey sentia-se muito perto de Elizabeth Ann e menos solitária do que há muitas semanas.

Os dias foram passando depressa. Janey sempre tinha muito o que fazer na escola e auxiliando o pai. Quando menos esperava, viu o chão coberto de neve e o Natal às portas. Ela havia tricotado meias para o pai e luvas de lã para as irmãzinhas. Também já tinha feito biscoitos, e estourado pipocas para fazer cordões que enfeitariam a árvore de Natal. Quando o pai chegou em casa, juntos puseram mãos à obra.

À noite, amigos e vizinhos vieram visitá-los para ajudar na alegria da véspera do Natal. Os Porters trouxeram uma forma de pão dourado e fresquinho; a Vovó Wilkens apareceu com caramelos de melado feitos por ela; e a Sra. Jackson trouxe uma caixa caprichosamente acondicionada.

— Isto é para você e suas irmãzinhas, — explicou.

Janey quis abrir o pacote na mesma hora, mas o pai disse que deveria esperar até a manhã seguinte. A menina foi dormir, pensando que a manhã de Natal parecia não chegar nunca. Mas chegou!

De pé junto ao fogo, ainda de camisola, Janey abriu a caixa de presentes. A Sra. Jackson fizera bonecas de pano com olhos de botão e cabelos de lã para as garotas menores, e para ela, ali estava Mary Melinda em seu maravilhoso vestido de organdi rosado. Mary Melinda — a boneca maravilhosa de cabelos de verdade e que sabia abrir e fechar os olhos!

Janey ergueu a boneca com todo o cuidado — a boneca preciosa que pertencera a Elizabeth Ann. Preso ao braço dela, encontrou um bilhetezinho dizendo: "Para Janey, que tanto amou."

A DÁDIVA

MAIS PRECIOSA

Mark E. Petersen Do Conselho dos Doze



Os jovens adultos encontram-se no limiar da vida. Ultrapassaram a infância, sobreviveram aos rigores da adolescência e agora vislumbram seu grande potencial ao adentrarem nos primeiros anos da maturidade. Poder ver, ainda que um breve trecho do caminho futuro (e todos o podem), é para eles algo empolgante.

Metade da população mundial tem menos de vinte e oito anos. Inúmeros líderes nos setores governamentais, educacionais e industriais ainda não atingiram os quarenta.

Os jovens adultos assumem crescente responsabilidade e agora influenciam em grau notável a configuração das coisas futuras. Que tipo de mundo irão construir?

Sendo humanos, cometerão enganos como aconteceu às gerações precedentes, pois, quem consegue ser perfeito nesta vida? É verdade, hoje em dia usufruímos uma tecnologia jamais igualada e muitos de nós são muito mais instruídos do que nossos antepassados? Mas, será que somos mais sábios. E não é sabedoria a base do verdadeiro progresso? E a sabedoria, donde vem?

A intelectualidade atual acaso produziu um talento maior que Shakespeare? Haverá homem moderno de maior sabedoria que Salomão? Que obras presentes podem comparar-se aos escritos de um Isaías ou Paulo?

A tecnologia não consegue produzir um **Mercador de Veneza**¹, nem qualquer escola filosófica moderna escrever uma obra igualável à Bíblia. Assim pois, o passado também teve sua grandeza e nós continuamos abeberando-nos nela.

Todas as épocas são caracterizadas por alguma espécie de grandeza — grandeza originária de uma fonte comum, e essa fonte é Deus.

Sócrates² sabia disso. As passagens mais sublimes de Shakespeare refletem ensinamentos das Escrituras. Colombo costumava orar. Washington³, Lincoln⁴ e Churchill⁵ buscavam orientação na Bíblia. Darwin⁶ era devoto, e Von Braun⁷, o gênio espacial de hoje, cultua o divino.

Poderiam, então, os jovens adultos fazer menos? Se querem um mundo seguro, têm que apoiar-se sobre o único fundamento seguro conhecido do homem — a confiança no Todo-poderoso.

No transcorrer das eras, tentou-se viver sem Deus. Tanto nações como indivíduos fizeram tal tentativa, sempre com os mesmos resultados.

A rejeição de Deus significa, inevitavelmente, repelir sua maneira de viver. Suas leis sempre levam para o alto com um único objetivo — ajudar-nos a ser como ele é.

Dando-lhe as costas, encontrar-nos-emos derivando para outro rumo, oposto ao ascendente, e inevitavelmente descendente.

Alguém pode dar-se a esse luxo? Multidões o tentaram e todos tiveram que pagar o preço. É uma maneira cara e penosa de viver, mesmo que, a princípio, possa mostrar-se fascinante e atraente.

Parafraseando Lowell⁸: "O pecado cobra seu preço pelo que nos dá", e é uma quantia muito maior do que qualquer um pode permitir-se. Na sua esteira, o pecado traz toda sorte de desgostos, os mais penosos.

Em poucas semanas, estaremos celebrando o Natal. E nesta estação jubilosa, o que de melhor poderíamos fazer do que aproveitar-nos da experiência do passado e dar reconhecimento pleno a Deus?

Podemos trabalhar em prol do nosso próprio futuro, mas a verdade é que "se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam." (Salmos 127:1)

E na verdade, realmente cada um construirá à sua própria maneira. (Paulo pode plantar e Apolo aguar.) Contudo, não podemos, jamais, construir realmente, tentando trabalhar sozinhos.

Há uma Providência suprema controlando os negócios dos homens. Como disse Shakespeare: "Existe uma divindade que modela nossos fins, por mais que queiramos desbastá-los." Pois é ele quem dá, e ele quem tira.

Pelo Natal, presenteemo-nos com a maior das dádivas — uma vida cristã. Jesus é o nosso Salvador, temporal como espiritualmente. É Ele quem nos faz crescer.

O mundo pode rejeitá-lo, até mesmo escarnecê-lo, porém Ele é maior que o mundo.

Filósofos podem ridicularizá-lo, porém a sabedoria dos homens perecerá. Somente a vontade e a sabedoria de Deus têm significado permanente.

Quando Pedro ensinou que, sem Cristo, não há salvação, falou em sentido muito mais amplo do que a maioria de nós se dá conta.

Como seu Criador, Jesus controla o universo. Ele pode deter as tormentas; pode abrir as janelas dos céus e derramar bênçãos em tal quantidade, que mal poderemos contê-las, basta apenas que o sirvamos. É dele a vida abundante. É dele o caminho para a paz e a prosperidade. Teremos a sabedoria necessária para enxergar e aceitar isso?

Neste Natal, reconheçamo-lo pelo que Ele é, e tomemos humildemente sobre nós o seu nome e sejamos salvos física, econômica e espiritualmente.

1. **Mercador de Veneza** — Peça teatral de William Shakespeare.
2. **Sócrates** (apr. 470-399 A.C.) — Filósofo e mestre grego.
3. **George Washington** (1732-1799) — Primeiro presidente dos Estados Unidos.
4. **Abraham Lincoln** (1809-1865) — Estadista norte-americano, 16.º presidente dos Estados Unidos.
5. **Sir Winston Leonard Spencer Churchill** (1874-1965) — Estadista e historiador inglês. Primeiro ministro do Reino Unido (1940-45, 1951-55).
6. **Charles Robert Darwin** (1809-1882) — Naturalista britânico.
7. **Werner von Braun** (1912) — Engenheiro espacial, nascido na Alemanha.
8. **James Russel Lowell** (1819-1891) — Poeta, crítico e diplomata norte-americano.

O Natal é para Compartilhar

Richard Warner

Eu sabia que Homer desejava ter um par de botas há muito tempo. Ele tinha onze, e eu dez anos; havíamos passado muitas noites, aconchegados debaixo dos acolchoados azuis, conversando sobre como seria bom ter um par de botas de verdade — botas resistentes para andar entre arbustos espinhentos, capazes de aparar o bote da cascavel e que servissem para cutucar as costelas do pônei; tínhamos planejado de que tipo de couro deviam ser e até mesmo sua melhor decoração.

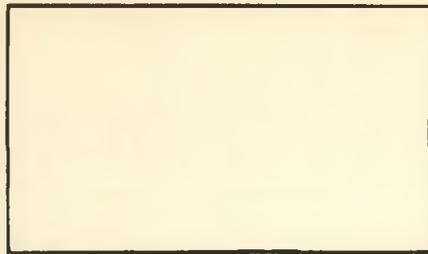
Ambos, porém, sabíamos que era apenas conversa. A depressão antigira duramente os negócios do pai, e mesmo o que calçávamos para ir à escola geralmente eram sapatos herdados com meia-sola nova.

O Natal daquele ano prometia ser tão emocionante como de costume, ainda que só déssemos presentinhos confeccionados por nós mesmos na escola. Nunca tínhamos dinheiro para gastar, mas desde pequenos, fôramos contagiados pela mamãe. Ela adorava dar presentes, e sua expectativa da alegria alheia provocada pelo presente certo inundava a casa

inteira. Vivíamos empolgados, aguardando ansiosamente como os outros reagiriam diante de nossas oferendas. Segredo era a lei suprema — um segredo manifesto, exagerado no fazer e esconder as lembranças. A única pessoa cujos esconderijos jamais conseguimos descobrir era a vovó. Seus presentes pareciam materializar-se como que por encanto na manhã de Natal e eram sempre mais dispendiosos do que deveriam ser.

Naquele Natal, eu estava radiante, porque mamãe ficara tão feliz com o quebra-luz de pergaminho por mim confeccionado no quarto ano, e papai desmanchara-se em elogios, diante do porta-joias de cerâmica que eu tinha moldado e queimado para ele. Gill e Emma Lou mostravam-se satisfeitas com as figurinhas entalhadas em pregadores de roupa, e Homer estava orgulhoso do emblema de escoteiro que eu arranjara em troca de bolinhas de gude. Então, chegou a vez de vovó distribuir seus presentes.

O meu pacote era retangular e pesado. Naquele ano, passei algum tempo hospitalizado e depois andando de muletas, e



imaginara como seria gostoso ter um jogo de peças para armar, então muito em voga. Vovó tinha a capacidade toda especial de ler os pensamentos alheios, e por isto estava certo do que encontraria na caixa. Mas, enganara-me. Era um par de botas, botas de verdade, de couro marrom, recendendo a curtume.

Olhei depressa para o embrulho de Homer. Ganhara um suéter de lã de que precisava há muito. Senti vontade de esconder meu presente, antes que ele o visse. Eu não queria as botas — ele é quem devia tê-las ganho. Nisto, veio para junto de mim, pedindo para ver meu presente e estive para dizer:

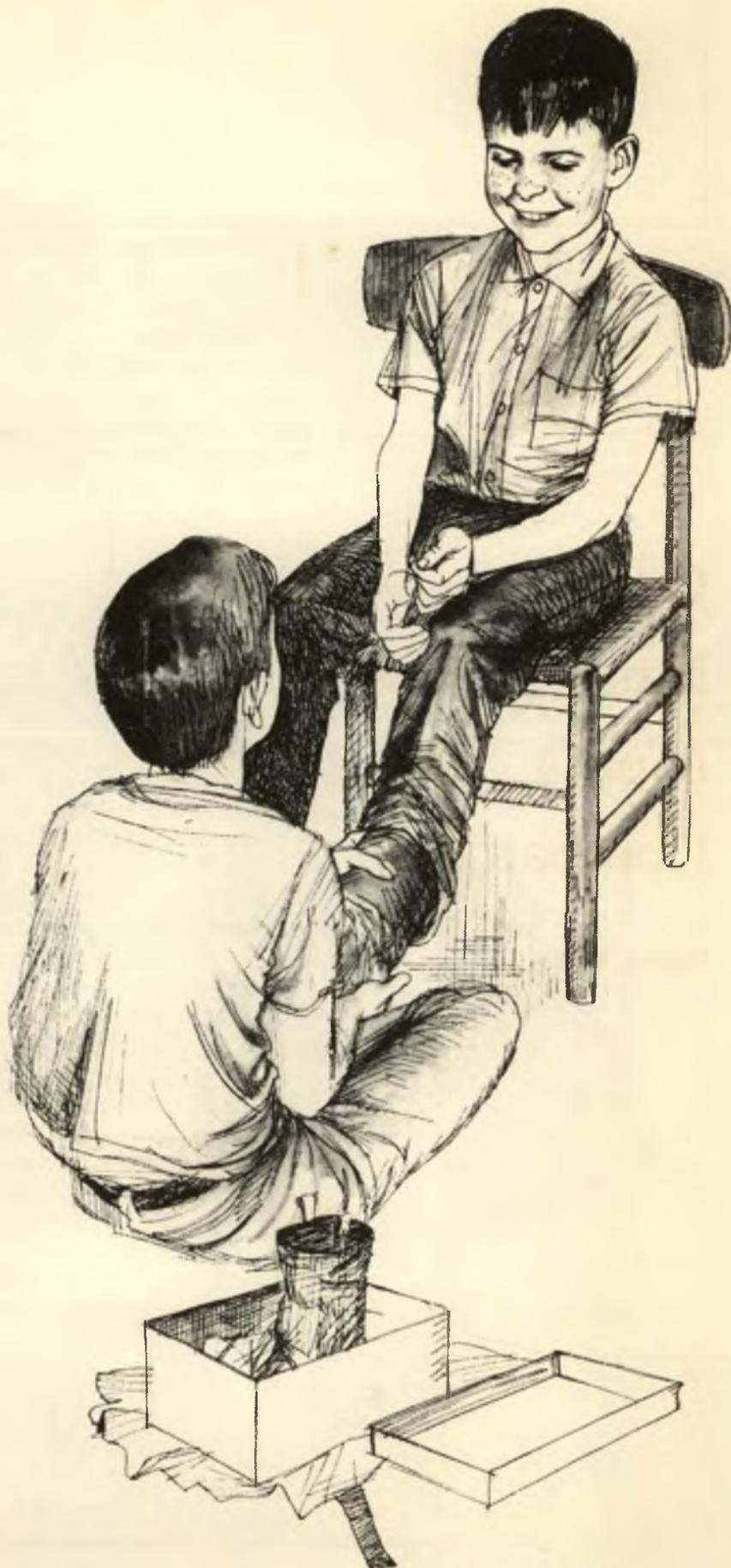
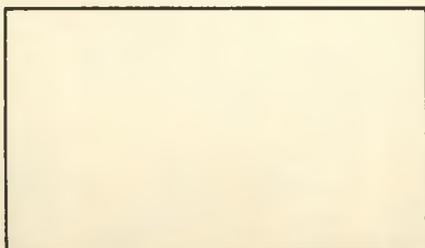
— Sinto muito, meu chapa.

Mas ele sorrindo gritou:

— Ei, gente, vejam o que o Richard ganhou!

Então, arrancou as botas da caixa, alisou-as como um tesouro, depois sentou-se no chão para trocar meus sapatos de segunda mão pelas botas novinhas em folha.

Não me recordo se elas serviam bem, nem mesmo se eram bonitas. Na minha alma, porém, tangiam os sinos de Natal, porque meu irmão estava contente por mim.





rinho

Receitas

Ainda Me Lembro

Marjorie B. Taylor

Todas as noites, assim que terminava minhas tarefas, corria para o quarto e me punha a copiar pacientemente as receitas que me agradavam mais. Depois, juntei as folhas com pedacinhos das fitas de cabelo das minhas bonecas. Decorei as capas com gravuras recortadas de revistas velhas, usando grude de farinha de trigo que mamãe me ensinara a fazer. Finalmente, consegui completar dez livretos. Preparei-me para gastar o dia seguinte inteiro a vendê-los, mas não precisei de mais que uma hora para colocar todos. Corri para casa e guardei as moedas na gaveta da penteadeira até que papai tivesse uma horinha livre para me acompanhar às compras.

Como papai era paciente e amoroso! Numa fria manhã de dezembro, logo após o desjejum, anunciou-me:

— Hoje você e eu temos umas comprinhas de Natal a fazer. Está pronta?

— Certamente que sim! — repliquei, e saí correndo escada acima para buscar minha lista já preparada do que pretendia comprar, e o dinheiro.

Poucos minutos depois, estávamos descendo de mãos dadas a rua coberta de neve, papai dando um passo para cada três dos meus. O andar saltitante não me permitia desperdiçar fôlego com falatório naquele passeio como mais maravilhoso não poderia existir para uma criança.

Quando chegamos à lojinha de

miudezas, papai falou:

— Acho que aqui você vai encontrar tudo o que procura.

— Mas, papai, aqui é onde eu compro balas e goma de mascar. Eles por certo não têm os presentes que procuro, não acha?

— Eu sei que você gostaria de comprar presentes especiais para uma porção de gente, mas não possui tanto dinheiro para isso, — respondeu-me. — Garanto que encontrará nesta loja presentinhos tão bons como aqueles com que sonhou.

Meus olhos encheram-se de lágrimas de desapontamento ao ouvir estas palavras. Eu tinha trabalhado tanto, em tão longo tempo. Então, como não haveria dinheiro bastante para comprar o que eu queria para meus queridos?

— Quando você fez todos aqueles livretos, já deu o seu amor, — consolou-me papai. — Agora só lhe falta encontrar uma lembrancinha que será embrulhada com o seu amor e depois atada com um laço de Natal. Aí, não haverá presente mais maravilhoso no mundo inteiro.

Abençoado seja meu pai por instilar em mim a grande verdade de que o amor é um presente tão caro, que não há dinheiro que o compre.

— Você se lembrará disto, querida? — perguntou.

Levantando o rosto para ele, enxuguei as lágrimas e sorri.

— Eu me lembrarei, — prometi. — Eu me lembrarei para sempre!

Quando eu era uma garotinha de seis anos, assim que passou o Dia de Ação de Graças, comecei a sonhar com os presentes de Natal que daria aos que amava, exatamente aquilo que desejasse. Mas, como, se eu não tinha dinheiro? Então, tive uma idéia genial: "Vou copiar as receitas especiais de mamãe e fazer com elas uns livretos bem bonitos. Depois, irei oferecê-los por toda a vizinhança, e assim arranjarei dinheiro bastante para comprar presentes para todos os meus queridos."

MARIA

Mary Pratt Parrish

Cento e vinte anos antes de Cristo nascer, um anjo apareceu ao Rei Benjamim e disse-lhe, citando o nome de Maria, que seria ela a mãe de Jesus Cristo. Cerca de quatrocentos e setenta e cinco anos antes, Néfi teve uma visão de Maria, descrevendo-a depois como "uma virgem mais bela e formosa que todas as outras virgens." Um século antes disso, Isaías profetizava a respeito de Maria, dizendo: "Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel."

As profecias a identificam melhor só no que diz respeito ao Filho, mas, da vida terrena de Maria, conhecemos muito pouca coisa. Não temos certeza do local de seu nascimento, nem quando, nem tampouco quem eram seus pais. Da sua mocidade, sabemos apenas que vivia então em Nazaré e fora esposada por José. Visto que naqueles tempos as moças costumavam ser dadas em casamento muito cedo, às vezes ainda meninas, aguardando a puberdade para então fazer o voto matrimonial, supomos que Maria era uma jovem, quando o anjo Gabriel lhe apareceu. Depois de chamá-la de bendita entre as mulheres, ele falou:

"Achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e

darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo."

Para Maria, foi difícil compreender todo o alcance deste anúncio. "Como se fará isto, visto que não conheço varão?" perguntou.

O anjo então lhe explica: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus."

O assombro sentido por Maria deve ter transparecido em sua face, pois que o anjo prossegue, dizendo: "E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril. Porque para Deus nada é impossível."

Maria sentiu-se contente. "Eis aqui a serva do Senhor, cumpra-se em mim segundo a tua palavra," respondeu.

Como Maria ia ser mãe sem ter conhecido homem, tornava-se necessário que José viesse a entender e acreditar nisso, para que se consumassem os votos matrimoniais. Nessas circunstâncias, é pouco provável que Maria não tivesse falado diretamente com ele, contando-lhe o que o anjo dissera. Pelas Escrituras, percebe-se que José teve sérias dúvidas, e provavelmente foram elas que induziram Maria a partir "apressa-

da" para a longínqua região montanhosa da Judéia, onde tinha a certeza de poder contar com a simpatia de sua prima Isabel, pois não tinha ela experimentado igualmente uma concepção milagrosa?

Maria demorou-se por três meses na casa de Isabel. A própria demora dessa visita, num período tão cruciante, pode indicar que ela aguardava algum sinal de aceitação da parte de José. Naqueles tempos, o adultério era punido com apedrejamento; e, embora sabendo não ter cometido pecado algum e que a criança que levava era o Filho de Deus, é possível que a idéia de voltar a Nazaré, sem saber se José a aceitaria legalmente como esposa, tivesse suscitado em Maria temores que somente a sua fé conseguia conjurar. Na verdade, as palavras "não se faça a minha vontade mas a tua", muito antes de serem pronunciadas pelo Filho, já se haviam formado nos lábios de Maria. Como não deve ter ficado aliviada e grata, quando José lhe contou da visita do anjo e o que este dissera:

"José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; e dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados."

Nos meses seguintes, Maria glo-



Maria

riava-se na grande bênção recebida. "Porque me fez grandes coisas o Poderoso," dizia, enquanto esperava o nascimento do filho. Mas, ao aproximar-se a hora, uma nuvem de ansiedade avolumava-se em seu horizonte, pois saiu um decreto de César Augusto "para que todo o mundo se alistasse... cada um... (em) sua própria cidade". E, uma vez que José e Maria eram da casa e linhagem de Davi, tornava-se necessário que partissem imediatamente para Belém, uma viagem de perto de cento e cinquenta quilômetros por estrada aspera e acidentada. Se lhes fosse possível percorrer uns vinte quilômetros em média por dia, levariam uma semana — viagem dura para quem estava no fim da gravidez.

Ignora-se há quanto tempo Maria estava em Belém, quando Jesus nasceu — talvez horas, ou quem sabe, mesmo dias. Entretanto, sabe-se que Maria estava abrigada num estábulo e foi para lá que se dirigiram os pastores, com o testemunho dos anjos de que o "menino envolto em panos" era Cristo, o Senhor. Passados quarenta dias, Maria e José levaram Jesus ao templo e ali ouviram Simeão e Ana declarar, pelo poder do Espírito Santo, que a criança era o Messias há tanto aguardado. Os magos do oriente acrescentaram seu testemunho de que aquele cuja estrela haviam seguido, estava destinado a

ser o Rei dos Judeus. Também o Rei Herodes, inconscientemente, testemunhou o fato, pois o seu decreto condenando à morte todas as crianças de menos de dois anos em Belém, é testemunho incontestável de que ele acreditava.

Todos esses testemunhos robusteciam e apoiavam a convicção de Maria, de que Jesus Cristo não tinha pai mortal e que era realmente o Filho de Deus.

O papel de Maria como mãe de Cristo é inigualável. Embora sendo sua mãe e arcando com a responsabilidade de criá-lo, cuidar dele e educá-lo, ainda assim era o seu Deus. "Debaixo do céu, nenhum outro nome" poderia salvar a sua alma. Nesse relacionamento sem igual, Jesus honrava a mãe. Quando ela o encontrou no templo, voltou em sua companhia para Belém. Nas bodas de Caná, obedeceu aos desejos dela. Preso à cruz, encarregou o discípulo amado de cuidar de sua mãe.

E Maria honrou seu Filho. Conheceu a alegria de saber que ela era a única fonte de salvação conhecida do homem. Qualquer mãe que teve um filho missionário, levando uma pessoa para as águas do batismo, apenas provou da alegria conhecida por Maria. Nenhuma outra mãe mortal já conheceu a ventura de ter um filho possuidor do poder de levantar a si próprio dos mortos. Três dias

depois de ter sido descido da cruz e sepultado na tumba, Jesus voltou a viver! Por causa dele, todos voltariam a viver! Alegria igual nenhuma mãe mortal teve a ventura de conhecer.

Maria também conheceu o mais profundo desespero. Sabendo que Jesus era o Filho do Pai Eterno, deve ter sido muito difícil para ela entender por que ele era desprezado e rejeitado. Por que Herodes havia de querer matá-lo? Por que seus vizinhos o rejeitavam — aqueles que o conheciam desde criança? Por que o levaram para o cume do monte, tencionando matá-lo por afirmar ser quem ela sabia que era — o Messias? Jesus escapou porque tinha o poder de resistir à morte, até ele próprio consentir nela. Quem sabe se Maria, postada ao pé da cruz, não tinha alguma esperança de que isto pudesse repetir? Porém, quando viu a vida se esvaír do corpo torturado do Filho e soube que ia morrer, deve ter-se lembrado da profecia de Simeão, quando se voltou para ela no templo e disse: "Uma espada traspassará também a tua própria alma", pois sofria enormemente. O Filho, em misericórdia, vendo o discípulo de pé ao lado de quem amava, disse à mãe: "Mulher, eis aí o teu filho!" Depois, disse ao discípulo: "Eis aí tua mãe!" E João a levou embora dali.

Lorenzo Snow:

As Decisões de Um Estudante Universitário

Arthur R. Bassett

Muitos jovens da Igreja entram em conflito mais sério com a religião pela primeira vez durante os anos de faculdade, ao serem obrigados a tomar decisões difíceis concernentes à missão, serviço militar e problemas religiosos em geral. Lorenzo Snow, um dos poucos entre os primeiros líderes da Igreja que teve oportunidade de instrução superior formal, precisou enfrentar uma crise assim durante os tempos acadêmicos.

O Presidente Snow teve o privilégio de freqüentar Oberlin, uma das mais importantes escolas superiores de seu tempo. Era um estabelecimento de ensino presbiteriano que rapidamente obtivera reputação nacional, devido ao seu caráter progressista. Por exemplo, foi uma das primeiras escolas americanas a admitir moças e rapazes em bases equitativas. Em 1830, um grupo de rapazes preeminentes, sentindo-se sensibilizados pelos problemas da

escravatura, coligaram-se a fim de combater tal prática. Descontentes com a oposição que lhes era movida na Escola Teológica Lane, de Cincinnati, em 1836, transferiram-se em grupo para Oberlin, Ohio, persuadindo Charles Finney, um dos mais eminentes clérigos da época, a ocupar a cadeira de teologia. Isso tudo aconteceu aproximadamente na época em que Lorenzo Snow freqüentava aquela escola.

Segundo suas próprias palavras,



O Presidente Snow em vários estágios da vida.

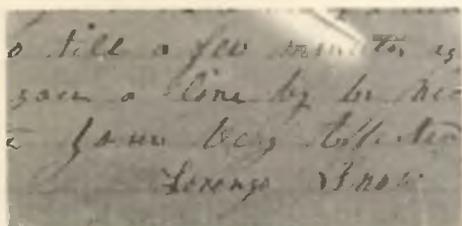




O Presidente Lorenzo Snow.

Lorenzo foi para lá "como um moço cheio de aspirações mundanas, com auspiciosas probabilidades e meios para satisfazer meus ideais de obter uma educação acadêmica liberal." Provindo de família abastada, como era o seu caso, tinha numerosos amigos e parentes ricos e orgulhosos, que esperavam ansiosamente vê-lo colher altas honrarias na vida. Como de todos os moços respeitáveis de seu tempo, esperava-se que Lorenzo desenvolvesse certo grau de piedade e interesse por assuntos religio-

sos. Contudo, observando o que ia pelos arredores e no próprio **campus**, ele escreveu à irmã, Eliza: "Se não existe coisa melhor do que se encontra aqui em Oberlin, adeus a tudo que é religião."



Assinatura de Lorenzo Snow.

DATAS MARCANES DA VIDA DE LORENZO SNOW
(1814 - 1901)

3 de abril	Idade	
1814	—	Nasce em Mantua, Ohio
1831	17	A mãe filia-se à Igreja; ele ouve Joseph Smith pregar.
1835	21	Ingressa na Faculdade de Oberlin; Eliza, sua irmã, filia-se à Igreja.
1836	22	É batizado.
1837	23	Faz missão em Ohio.
1838/39	24/25	Muda para Far West; missão nos estados do Meio-Oeste.
1840/43	26/29	Missão na Grã-Bretanha; presenteia a Rainha Vitória com o Livro de Mórmon.
1845	31	Casa-se.
1846/48	32/34	Cruza as planícies.
1849	35	Ordenado apóstolo.
1849/52	35/38	Faz missão na Europa.
1853	39	Preside a colonização de Brigham City.
1872/82	58/68	Presidente do Conselho Territorial de Utah.
1873/77	59/63	Conselheiro de Brigham Young.
1885	71	Missão entre os índios no noroeste dos Estados Unidos.
1889	75	Torna-se presidente do Conselho dos Doze.
1893	79	Torna-se presidente do Templo de Salt Lake.
1898	84	Apoiado presidente da Igreja.
1899	85	Inicia ênfase no dízimo.
10 de out.		
1901	87	Falece.

Eliza, muito achegada ao irmão, preocupava-se com seu interesse em assuntos militares. Tendo nascido em 1814, ao fim da "segunda guerra da Independência" americana e durante a era napoleônica, Lorenzo sentira-se atraído pelos encantos da vida de soldado. Eliza sempre temera que a vida do irmão fosse terminar prematuramente em algum distante campo de batalha. Contudo, seu interesse voltara-se para assuntos religiosos. Ela e a mãe haviam-se filiado à igreja, e Eliza transferiu-se para Kirtland, Ohio, enquanto Lorenzo estava em Oberlin. Sentindo que o irmão talvez pudesse também encontrar satisfação no mormonismo, ela aguardava o momento propício para trazê-lo a Kirtland, onde viria a conhecer o Profeta Joseph Smith e ser influenciado por ele.

Essa oportunidade apareceu em 1836, quando Joseph Smith e outros líderes da Igreja ocupavam-se com a Escola de Profetas¹. Nos primórdios da educação norte-americana, todo acadêmico que se prezasse deveria saber hebraico e grego. Lorenzo acabara de completar o estudo de línguas clássicas em Oberlin, porém ainda lhe faltava certo domínio do hebraico. Por isso, sabendo que o Dr. Joshua Seixas, um erudito hebreu, fora contratado como professor da Escola de Profetas, Eliza convidou o irmão mais moço a vir para lá estudar hebraico. Ele aceitou. Lorenzo já sentia leve curiosidade a respeito da religião abraçada pela irmã, mas, provavelmente, estava longe de imaginar a profunda mudança que sua vida iria sofrer, em virtude de sua ida a Kirtland.

Joseph Smith Sr., o patriarca da Igreja e pai do profeta, causou-lhe profunda impressão. Ainda preso ao orgulho e ambições mundanas, Lorenzo viu-se apanhado numa luta espiritual. Certa ocasião, ouviu o Profeta pregar, "cheio do Espírito Santo, falando com a voz de um arcanjo e cheio do poder de Deus", toda a sua pessoa resplandecendo e a face iluminada até parecer-se com "a brancura da neve".

A alma de Lorenzo foi tocada — sua mente, porém, resistia. O que diriam seus amigos e parentes, se ele, para quem previam um futuro brilhante, "desapontasse tal esperança para se unir aos pobres, ignorantes e desprezados 'mórmons'" como eram então considerados.

O Patriarca Smith mostrou-se sensível aos problemas do jovem Lorenzo, aconselhando-o certa vez: "Não se preocupe, vá com calma e o Senhor mostrar-lhe-á a veracidade da sua grande obra dos últimos dias, e você vai querer batizar-se." Tal comentário a princípio assombrou o moço, mas, ao continuar buscando o Senhor, cumpriu-se a promessa do patriarca. Lorenzo foi batizado. Entretanto, continuava sentindo-se insatisfeito. Desejava acima de tudo mais, livrar-se de toda e qualquer dúvida; queria uma confirmação do Espírito, mais forte do que a recebida.

Duas ou três semanas após seu batismo, obteve a certeza desejada, mas não conforme esperara. Durante o tempo em que buscava seu primeiro testemunho do Evangelho, todas as noites ele se retirava para um bosque perto da sua casa, a fim de orar ao Senhor. Uma noite, não



Vestido que pertenceu
a Eliza R. Snow,
irmã de Lorenzo Snow.

1. Organizada em Kirtland, em 1833, de acordo com revelação recebida em 27 de dezembro de 1832 (D&C 88:127)

"Ó Meu Pai", de autoria de Eliza, foi escrito nesta escrivaninha.



teve vontade de orar. Os céus, disse ele, pareciam como que de bronze sobre sua cabeça. Todavia, apesar de não sentir-se disposto a orar, dirigiu-se como de costume ao seu lugar de oração.

Durante a prece, sentiu o espírito de Deus envolver completamente o seu corpo e enchê-lo de uma alegria diferente de tudo o que já havia experimentado. Sua mente foi aclarada de toda a dúvida, ao achar-se imerso na influência do Espírito Santo, de uma forma "ainda mais real e palpável em seus efeitos" sobre seu organismo do que a imersão nas águas do batismo.

Ele agora sabia o que desejara sobre Deus e a restauração do Evangelho, e este conhecimento tinha para ele um valor muito maior que

toda a riqueza e honras concedidas pelo mundo. Sua decisão de compartilhar a sorte dos santos havia sido tomada em fé, e em resposta, ganhara a paz de espírito tão desejada.

Entretanto, guerra alguma é ganha numa única batalha. e Lorenzo Snow, exatamente como todo mundo, teve que continuar lutando para crescer espiritualmente. A batalha seguinte é do tipo bastante conhecido e apreciado por muitos que serviram como missionários.

Sidney Rigdon, um membro da Presidência, reconhecendo como ex-clérigo a importância da educação, incentivava Lorenzo a continuar estudando. Todavia, o ex-aluno de Oberlin tinha outros planos. Embora fosse tímido por demais e a idéia de

pregar a outros o preocupasse profundamente, continuava sendo consumido pelo desejo de difundir o Evangelho. Isto era, para ele, a coisa mais importante que poderia fazer.

Aproximadamente na mesma época, a Primeira Presidência emitiu uma proclamação, convidando todos os que quisessem participar do quorum de élderes a submeterem seu nome. Se aprovados pela Presidência, eles seriam ordenados. Lorenzo submeteu seu nome, "sendo esta a única vez em minha vida", comentou mais tarde, "que solicitei ou ofereci-me para um ofício ou chamado".

Na primavera de 1837, ele partiu sozinho para pregar, sem bolsa ou alforje, tencionando fazer trabalho missionário em Ohio. Esta seria uma das mais penosas provações de sua vida, em vista de sua personalidade.

"Andar sem bolsa ou alforje — principalmente sem bolsa — foi uma severa prova para o meu natural senso de independência; pois, desde o tempo em que tive idade bastante para trabalhar, o sentimento de 'pagar as próprias despesas' sempre pareceu-me condição necessária ao respeito próprio, e nada, senão a certeza de que Deus o exigia agora, como fizera a seus servos antigos, os discípulos de Cristo, poderia induzir-me a sair dependendo de meus semelhantes para as necessidades comuns da vida. Mas, minha responsabilidade nesse particular foi-me dada claramente a conhecer, e eu estava determinado a cumpri-la."

O Élder Snow partiu preocupado, para sua primeira missão, mas sentindo confiança no Senhor. Depois de visitar uma tia, viajou perto de cinqüenta quilômetros. Bem na hora do pôr do sol, fez a primeira visita oficial como élder mórmon, sendo-lhe recusada a hospedagem. Naquela noite, teve que bater em oito casas, antes de ser admitido para passar a noite — "indo para a cama sem jantar e partindo de manhã sem desjejum". Este foi seu primeiro contato com o trabalho missionário, mas ele não se deixou abater pelo desânimo, cumprindo fielmente sua

missão no estado natal, antes de transferir-se com os santos para o Missouri.

No outono de 1838, o espírito de seu chamado missionário começou a pressioná-lo de tal forma, que ansiava por voltar ao trabalho, embora tivesse estado enfermo grande parte do verão. Ele estava debilitado, mas achava que, esforçando-se para fazer o trabalho do Senhor, Deus lhe supriria a força necessária. Por isso, contrariando o conselho e desejos dos pais, saiu a pregar o Evangelho. A princípio, conseguia andar apenas uma curta distância, antes de ser forçado a sentar-se e descansar, mas gradualmente foi recuperando as forças e ficou totalmente curado.

Durante essa viagem missionária, trabalhou em quatro estados. O mês de fevereiro encontrou-o no Kentucky, preparando-se para voltar a Ohio, uma viagem de oitocentos quilômetros com grossa camada de neve. Tinha somente \$ 1.25 (Equivalente a cerca de Cr\$ 7,50 ao câmbio atual. N.T.) no bolso, mas possuía uma fé inabalável de que o Senhor proveria.

Foi uma viagem extremamente difícil. Durante a maior parte do tem-

po, tinha as meias encharcadas de lama, neve e chuva, e era muita sorte encontrar pousada junto ao fogo. A jornada deixou o jovem missionário tão emaciado, que, chegando a Ohio, não o reconheceram os amigos. Socorrido por eles, desfaleceu, sendo tomado de violenta febre que o prostrou durante dias na cama.

Assim eram as missões nos primórdios da carreira de Lorenzo Snow — e de muitos outros. No ano seguinte, ele foi para a Grã-Bretanha. Esteve no mar quarenta e dois dias de temporal. Descreveu as tormentas numa carta à tia:

“Olhe só para mim em sua vívida imaginação, numa dessas terríveis tempestades, sentado junto a um enorme barril de água — agarrado, com ambas as mãos, a cordas próximas... o navio dançando e arremessando de um lado para outro — vez por outra, uma onda gigante, transpondo as amuradas, submete todos os presentes a um banho de chuva — observe, sentado perto de mim, um homem chorando amargamente, com expressão de terror — no momento seguinte, uma onda despenca por cima da amurada, arranca-o do seu lugar e fá-lo aterrar...”

no lado oposto, de onde se levanta com uma fratura no braço e completamente encharcado.”

Embaixo, caixas se desprendiam e eram jogadas de lá para cá entre as mulheres e crianças, que gemiam e choravam. Não obstante, em meio disso tudo, o Élder Snow sentia-se cheio de paz, pois estava a serviço do Senhor. Essa cena lembra muito uma outra descrita por Lucas, envolvendo o Apóstolo Paulo. De fato, em Lorenzo Snow havia muito de Paulo nos aspectos de trabalho missionário. A missão do Élder Snow na Grã-Bretanha foi seguida nos anos seguintes de trabalho missionário na Itália, Suíça, Malta, Havaí e na Terra Santa. Antes de terminar suas missões, ele havia atravessado o oceano oito vezes, viajando mais de duzentos e quarenta mil quilômetros, e tudo às suas próprias custas.

O Presidente Snow merece ser lembrado por muitas coisas: por suas maneiras gentis, seu profundo comprometimento espiritual para com o Senhor, por suas grandes qualidades de pioneiro, sua importância como educador; mas, entre todas as outras virtudes, deve ser lembrado particularmente como o missionário por excelência. Uma das preocupações maiores de sua administração foi incentivar o trabalho missionário em âmbito mundial. Chegou mesmo a enviar missionários da AMM para servirem em outras estacas por um período de cinco a seis meses. Designou o Élder Heber J. Grant para que iniciasse a pregar o Evangelho no Japão, e falava em levar o Evangelho à Rússia e Áustria. Durante o primeiro ano de sua gestão, chamou mais de mil missionários para trabalharem pelo mundo afora — número nunca antes enviado na história da Igreja, e que não seria repetido por outros vinte anos.

O que teria acontecido, fica-se a imaginar, se Lorenzo Snow, como jovem estudante universitário, tivesse decidido que religião não era para ele? Quantos milhares de indivíduos talvez não tivessem tido a oportunidade de aceitar o Evangelho!



Esta fotografia, tirada quando era presidente, mostra Lorenzo Snow como costuma ser retratado hoje em dia.



O casal Drechsel e 4 de seus 7 filhos.

MISSÃO BRASIL CENTRAL NORTE

Presidente LeRoy A. Drechsel

Novas Missões no Brasil

Desembarcaram recentemente em São Paulo, os Irmãos O. Nelson Baker e LeRoy A. Drechsel, chamados pela Primeira Presidência da Igreja para presidirem as novas missões criadas com a divisão da Missão Brasil Central.

O Élder Baker que foi designado para a Missão Brasil Central Sul com sede em São Bernardo, S.P., já está bem familiarizado com o Brasil e especificamente com São Paulo, pois serviu parte de sua missão de proselitismo nessa cidade. Ele e sua esposa,

irmã Dorothy L. Bawden estudaram na Universidade de São Paulo em 1964-65 fazendo curso de pós-graduação. O casal tem 3 filhos, o primeiro deles nascido no Brasil.

O Presidente LeRoy A. Drechsel que assumiu a presidência da Missão Brasil Central Norte com sede na capital paulista é casado com Alice Ruth Goddard. Na época de seu chamado o irmão Drechsel era bispo da Ala 12 da Estaca de Monumento Park (Utah). O casal Drechsel tem 7 filhos.

MISSÃO BRASIL CENTRAL SUL

Presidente O. Nelson Baker



A família do Presidente Baker em São Bernardo, sede da nova missão.



O Patriarca Martinez sempre ocupou posições de liderança.



Na foto, a esposa do irmão Martinez, irmã Zilah e suas filhas Gisele e Sibebe.

PATRIARCAS SÃO ORDENADOS NA ESTACA SÃO PAULO SUL

Por ocasião da Conferência Trimestral da Estaca São Paulo Sul realizada em 27.08.72, foram chamados e ordenados dois Patriarcas para servir naquela área. O Élder Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze esteve presente à Conferência e fez a ordenação dos irmãos Joaquim Martinez e Victor Antonio C. V. Vespoli para o importante chamado.

O irmão Martinez, filho de pais europeus nasceu a 6 de janeiro de 1924 sendo membro da igreja por 11 anos. Líder de grande experiência tem servido nas mais diversas posições, tendo sido bispo da Ala de Santos de fevereiro de 68 a fevereiro de 71. O Patriarca Martinez casou-se com Zilah Scarmagnam a 20 de janeiro

de 1951. Sua esposa foi sempre muito ativa na igreja e ocupa atualmente o cargo de professora de economia doméstica da Estaca. O casal tem 2 filhas, Sibebe de 17 anos e Gisele de 16 anos, ambas alunas do Seminário.

O irmão Vespoli nasceu a 5 de agosto de 1923, filho de pai brasileiro e mãe italiana. Converteu-se à igreja em 1968 e tem ocupado cargos de liderança na Escola Dominical, Genealogia e Presidência de Ramo. Na época de seu chamado era membro do Sumo Conselho da Estaca São Paulo Sul. Aos 28 anos conheceu Aparecida Rodrigues com que veio se casar. Os irmãos Vespoli tem 2 filhos, Victor de 16 anos e Washington de 14 anos. A irmã Aparecida é 2.ª conselheira da Primária da Estaca.



A família do irmão Vespoli, irmã Aparecida e os filhos Victor e Washington.



Na vida profissional o irmão Vespoli é técnico têxtil.



O Presidente Cury e seus conselheiros irmãos Antonio A. Costa e Oscar B. Carvalho.



O Coro de Jovens brilhou a conferência.

CRIADA A ESTACA DO RIO DE JANEIRO

Sob a presidência do Élder Bruce R. McConkie, direção do Presidente Oakes da Missão Brasil Norte e contando com a assistência de aproximadamente 2.200 membros, realizou-se no dia 22.10.72 a Conferência Distrital do Rio de Janeiro. Na ocasião foi criada a 5.ª estaca no território brasileiro, a Estaca do Rio de Janeiro, composta de 6 Alas e 5 Ramos. A Presidência da nova estaca foi assim constituída: Presidente, Valdemar Cury; 1.º Conselheiro, Antonio de Almeida Costa; 2.º Conselheiro, Oscar Batista de Carvalho; Secretários, Atilio Pinto Maio e Rafael Viñas. Para Patriarca da Estaca foi chamado o irmão Walmir Silva.

O Sumo Conselho da Estaca do Rio de Janeiro foi constituído pelos seguintes irmãos: Joaquim A. Rodrigues, Mário N. Campanella, Walter Crocchia, Walter M. Bradley, Eduardo Xavier F. Filho, Rubens da Costa Azevedo, Luiz G. Bistulfi, Serafim D. Pereira, João C. Bas-

tos, Nelson Bezerra dos Santos, Cid Ney B. Salema e Rubens Dias da Cruz.

As novas Alas e Ramos criados foram os seguintes: Ala R.J. I (Tijuca), Bispo Hudson Carrano; Ala R.J. II (Ipanema e Jardim Botânico), Bispo Arthur Smith; Ala R.J. III (Niterói), Bispo Adauto B. Lopes; Ala R.J. IV (Meier e Engenho de Dentro), Bispo Antonio Landelino de Barros; Ala R.J. V (Casadoura), Bispo Walter Guedes de Queirós; Ala R.J. VI (Andaraí), Bispo Wilson da Silva Pureza; Ramo de Irajá, Presidente Celestino V. Coutinho; Ramo da Ilha do Governador, Presidente Jorge Duarte; Ramo de São Gonçalo, Presidente Emanuel Marcelos de Brito; Ramo de Volta Redonda, Presidente Hélio da Rocha Camargo; Ramo de Petrópolis, Presidente Antonio Mendonça.

Citação especial deve ser feita ao Coro dos Jovens do Distrito do Rio de Janeiro que brilhou sobremaneira a conferência.



O Elder Bruce McConkie e o Presidente Oakes acompanhados de suas esposas e os jovens do Coro.



O Patriarca Walmir Silva recebe os cumprimentos da congregação.



Esta interessante escultura deu o tema à conferência.



Os jovens participaram ativamente dos esportes.

1.^a CAJEC CONFERÊNCIA ANUAL DE JOVENS

Castro, cidade paranaense situada cerca de 140 km. de Curitiba, foi o local escolhido pela liderança da AMM da Estaca de Curitiba para a realização da 1.^a CAJEC (Conferência Anual de Jovens da Estaca de Curitiba), com início no dia 7 de setembro p.p. prolongando-se até o dia 10.

Os jovens tiveram logo no primeiro dia de conferência a oportunidade de participar de ginkanas e pic-nic no aprazível recanto "prainhas" e à noite do mesmo dia realizou-se o Baile da Independência. Nos dias 8 e 9 os conferencistas estiveram envolvidos em atividades esportivas, ensaio e apresentação de um

Show de Talentos com música, dança e teatro. A disputa de conhecimento das Escrituras e Oratória despertou real interesse entre os jovens. O cunho espiritual da tarde foi dado pelas palestras proferidas pelos irmãos Gustav Salik e Enos de Castro Deus.

O encerramento das atividades se deu com a confraternização dos jovens no Grande Baile Auri-Verde que esteve muito animado e que contou com a música de um ótimo conjunto.

No domingo toda a juventude em jejum participou da Reunião de Testemunhos, onde todos puderam agradecer ao Senhor pela oportunidade de participar de tão bela conferência.



A ginkana e o pic-nic em "prainhas".



A alegria foi constante durante a conferência.

